

O CORRESPONDENTE ESTRANGEIRO



ALANO
FURST CORRESPONDENTE
ESTRANGEIRO

TRADUÇÃO
HELOÍSA MOURÃO



Esta é uma obra de ficção. Todos os eventos e diálogos, e todos os personagens, com exceção de algumas bem-conhecidas figuras públicas e históricas, são produto da imaginação do autor e não devem ser interpretadas como reais. Onde figuras públicas ou históricas da vida real aparecem, as situações, incidentes e diálogos envolvendo estas pessoas são inteiramente fictícios e não pretendem representar acontecimentos verdadeiros ou modificar a natureza inteiramente ficcional da obra. Em todos os outros aspectos, qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Copyright © 2006 by Alan Furst

Título original:

The Foreign Correspondent

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA. Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Capa
Raul Fernandes

Revisão
Ana Grillo
Gabriel Dória Marinho
Rosy Lamas

Diagramação
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F985c

Furst, Alan
O correspondente estrangeiro / Alan Furst ; tradução de Heloísa Mourão. -
Rio de Janeiro : Objetiva, 2007.
271p.

Tradução de: The foreign correspondent
ISBN 978-85-?????????

1. Romance americano. I. Mourão, Heloísa. II. Título.

07-1282. CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

**DENTRO
DA
*RESISTENZA***

PARIS, ÚLTIMOS DIAS DO OUTONO; UM CÉU CINZENTO E TURBULENTO AO amanhecer, a chegada do crepúsculo ao meio-dia, seguido, às sete e meia, por chuvas oblíquas e guarda-chuvas negros enquanto o povo da cidade corria para casa diante das árvores desfolhadas. Em 3 de dezembro, 1938, no coração do Sétimo Arrondissement, um Lancia sedan de cor champã virou a esquina da rue Saint Dominique e estacionou junto à calçada na rue Augereau. Em seguida, o homem no banco traseiro inclinou-se à frente por um instante, e o chofer avançou alguns metros mais e parou novamente, desta vez na sombra entre dois postes de luz.

O homem no banco traseiro do Lancia chamava-se Ettore, *il conte* Amandola – o décimo nono Ettore, Heitor, na linhagem Amandola, sendo *conde* apenas o mais ilustre de seus títulos. Mais perto dos sessenta que dos cinqüenta, ele tinha olhos escuros e levemente protuberantes, como se a vida o tivesse surpreendido (embora ela nunca tivesse ousado fazê-lo), e um rubor nas faces que sugeria uma garrafa de vinho com o almoço, ou a excitação da expectativa por um evento planejado para o cair da noite. Na verdade, tratava-se de ambos. Quanto ao resto de suas

cores, era um tipo bastante prateado: seus cabelos cor de prata, reluzindo com brilhantina, eram penteados para trás até chegar a uma superfície lustrosa, e seu fino bigode prata, aparado diariamente com uma tesoura, delineava seu lábio superior. Sob um branco sobretudo de lã, na lapela do terno de seda cinza, usava uma fita da qual pendia uma cruz de Malta com um fundo de esmalte azul, o que significava que possuía o título de *cavaliere* da Ordem da Coroa da Itália. Na outra lapela, a medalha de prata do partido fascista italiano; um quadrado inclinado com fasces – um feixe de varas de bétula atadas a um machado por um cordão vermelho – na diagonal. Simbolizava o poder dos cônsules do Império Romano, que traziam consigo as verdadeiras varas de bétula e o machado e tinham a autoridade para surrar com as varas, ou decapitar com o machado.

O conde Amandola olhou para o seu relógio, baixou a janela traseira e, através da chuva, fixou o olhar numa curta ruela, a rue du Gros Caillou, transversal à rue Augereau. Daquele ponto de observação – e mandara averiguar duas vezes naquela semana – podia ver a entrada do Hotel Colbert; uma entrada bastante sutil, apenas o nome em letras douradas na porta de vidro e um jorro de luz do saguão que brilhava no pavimento molhado. O Colbert, um hotel bastante sutil, silencioso, discreto, que atendia aos *affaires cinq-à-sept*, aventuras amorosas administradas entre as cinco e as sete, aquelas horas flexíveis do começo da noite. *Mas*, pensou Amandola, *para você, um gostinho de fama amanhã*. O *commissionaire* do hotel, segurando um amplo guarda-chuva, deixou a entrada e caminhou energicamente para o fim da rua, em direção à rue Saint-Dominique. Mais uma vez, Amandola olhou para o relógio. 7h32, marcava. *Não*, pensou ele, *são 19h32*.

Para esta ocasião, o horário de 24 horas, a hora *militar*, era obviamente a forma apropriada. Afinal, ele era um major, recebera a patente em 1914, servira na Grande Guerra e tinha as medalhas e sete uniformes pomposamente confeccionados como prova. Servira com distinção – oficialmente reconhecido – no departamento de finanças do Ministério da Guerra, em Roma, onde dava ordens, mantinha a disciplina, lia e assinava formulários e cartas, e recebia e dava telefonemas, seu escrupuloso decoro militar em todos os sentidos.

E assim permaneceu, desde 1927, em seu mandato como oficial superior na *Pubblica Sicurezza*, o departamento de Segurança Pública do Ministério do Interior, instituído no ano anterior pelo chefe da po-

lícia nacional de Mussolini. O trabalho não era muito diferente de seu emprego durante a guerra; os formulários, as cartas, os telefonemas e a manutenção da disciplina – sua equipe se mantinha a postos em suas mesas, e a formalidade era a regra em todas as conversações.

19h44. A chuva tamborilava regularmente no teto do Lancia e Amandola apertou o casaco mais firmemente, contra o frio. Na calçada do lado de fora, uma criada – sob a capa de chuva aberta um uniforme cinza e branco – era puxada por um bassê que vestia um suéter. Enquanto o cão farejava na calçada e começava a andar em círculos, a criada estreitou os olhos para ver Amandola através do vidro. *Gros-seiros, os parisienses*. Ele não se deu ao trabalho de virar o rosto, simplesmente olhou através dela, ela não existia. Alguns minutos depois, um táxi negro de formas quadradas encostou à entrada do Colbert. O *commissionaire* saltou para fora, deixando a porta aberta, enquanto um casal emergia do saguão: ele, cabelos brancos, alto e encurvado; ela, mais nova, usando um chapéu com um véu. Postaram-se juntos sob o guarda-chuva do *commissionaire*, ela ergueu o véu, e eles se beijaram apaixonadamente – *até a próxima terça, meu querido*. Em seguida a mulher entrou no táxi, o homem deu uma gorjeta ao *commissionaire*, ergueu seu próprio guarda-chuva e virou a esquina a passos largos.

19h50. *Ecco, Bottini!*

O chofer observava o retrovisor lateral. “*Il galletto*”, disse. Sim, o frangote, assim o chamavam, pois ele realmente se emproava. Rumando pela rue Augereau em direção ao Colbert, ele era o clássico baixinho que se recusava a ser baixo: postura ereta, as costas rijas, queixo erguido, peito para fora. Bottini era um advogado de Turim que emigrara para Paris em 1935, insatisfeito com as políticas fascistas de seu país natal. Insatisfação indubitavelmente aguçada por uma boa surra em público e meia garrafa de óleo de rícino, administrada por um esquadrão de Camisas Negras enquanto uma multidão atônita se reunia e observava em silêncio.

Sempre um liberal, provavelmente um socialista, possivelmente um comunista em segredo, presumia Amandola – escorregadios como enguias, estes tipos –, Bottini era um compatriota a ser oprimido, e proeminente na comunidade de compatriotas-a-serem-primidos.

Mas o problema com o *galletto* não era o fato de que se emproava, o problema era que cantava de galo. Chegando a Paris, naturalmente se

uniu à organização *Giustizia e Libertà*, o maior e mais determinado grupo de oposição antifascista, e em seguida tornou-se editor de um de seus jornais clandestinos, o *Liberazione*, escrito em Paris, contrabandeado para a Itália, depois impresso e distribuído clandestinamente. *Infamità!* O jornal escoiceava como uma mula; farpado, mordaz, bem informado e selvagem, sem um pingo de respeito pelo glorioso *fascismo* da Itália, por *Il Duce* ou por quaisquer de seus feitos. Mas agora, Amandola pensou, este *galletto* já cantara o bastante.

Quando Bottini virou a esquina da rue Augereau, tirou os óculos de armação de metal, enxugou a chuva das lentes com um grande lenço branco e pôs os óculos num estojo. Entrou no hotel em seguida. Estava precisamente no horário, de acordo com os relatórios da investigação. Nas noites de terça, das oito às dez, sempre no quarto 44, ele recebia sua amante, a esposa do político socialista francês LaCroix. LaCroix, que dirigira um ministério, e depois outro, no governo da Frente Popular. LaCroix, que aparecia ao lado do primeiro-ministro Daladier nas fotografias dos jornais. LaCroix, que jantava em seu clube toda terça-feira e jogava bridge até meia-noite.

Eram 20h15 quando um táxi estacionou em frente ao Colbert, e Madame LaCroix emergiu, correndo a passos curtos para dentro do hotel. Amandola teve apenas um vislumbre dela – cabelos cor de telha, nariz branco e pontiagudo, uma pintura de Rubens, carnuda e abundante. E amplamente concupiscente, segundo os investigadores que alugavam o quarto 46 e espreitavam do outro lado da parede. Os elementos são vocais e ruidosos, dizia um relatório. Descrevia, supôs Amandola, cada espécie de gemido e guincho de quando os dois executavam seu acasalamento como porcos excitados. Ah, ele conhecia o tipo; ela gostava de boa comida e gostava de um bom vinho e gostava de seus prazeres carnis – qualquer uma das opções ou todas juntas, sem dúvida, o baralho completo de cartas depravadas. Libertinos. Havia um espelho de corpo inteiro em frente ao pé da grande cama do quarto 44, e eles certamente tiravam vantagem dele, excitados por observar a si mesmos debatendo-se por todo lado, excitados por observar – tudo.

Agora, Amandola pensou, é preciso esperar.

Sabiam que os amantes costumavam passar alguns minutos conversando antes de entrar em ação. Então, dêem um tempinho a eles. Os

espões OVRA de Amandola – OVRA era o nome da polícia secreta, a polícia política, instituída por Mussolini na década de 20 – já estavam dentro do hotel, tinham ocupado quartos naquela tarde, acompanhados de prostitutas. Que, com o tempo, poderiam muito bem ser encontradas pela polícia e interrogadas, mas o que poderiam dizer? “Ele era careca, ele usava barba, ele disse que seu nome é Mario.” Mas, àquela altura, o Mario careca e o Mario barbudo já teriam passado há muito pela fronteira, de volta à Itália. No máximo, as moças apareceriam em fotos nos jornais.

Madame LaCroix, quando os homens da OVRA irrompessem no quarto, ficaria sem dúvida indignada, imaginaria que se tratava de alguma artimanha desprezível perpetrada pela cobra do marido. Mas não imaginaria por muito tempo e, quando o revólver aparecesse, com o longo cano de um silenciador, seria tarde demais para gritar. Bottini gritaria? Ou imploraria por sua vida? Não, pensou Amandola, nenhum dos dois. Praguejaria contra eles, um *galletto* arrogante até o fim, e tomaria sua pílula. Na têmpora. Em seguida, o silenciador seria retirado, o revólver colocado na mão de Bottini. Tão triste, tão melancólico, um caso de amor condenado, o desespero de um amante.

E o mundo acreditaria? O encontro amoroso que terminou em tragédia? A maioria sim, mas alguns não, e o evento fora orquestrado para estes, para os que saberiam imediatamente que isso era política, não paixão. Pois não era um desaparecimento silencioso, era público e extravagante, assim concebido para servir de aviso: *Faremos tudo que quisermos, vocês não podem nos deter*. Os franceses ficariam ultrajados, mas e daí, os franceses ficavam sempre ultrajados. Bem, que esperneassem à vontade.

Eram 20h42 quando o líder do esquadrão OVRA deixou o hotel e cruzou para o lado da rue Augereau em que estava Amandola. Mãos nos bolsos, cabeça baixa, usava uma capa de chuva de borracha e chapéu de feltro negro, gotas pingando da aba. Quando passou pelo Lancia, levantou a cabeça, revelando um rosto pesado e escuro, um rosto sulista, e fez contato visual com Amandola. Uma breve olhadela, mas suficiente. *Está feito*.

4 de dezembro, 1938. O Café Europa, localizado numa rua estreita próxima à Gare du Nord, pertencia a um francês de ascendência italiana. Um homem de opiniões ardorosas e inflamadas, um idealista, ele dispo-

nibilizou a sala dos fundos para um grupo de *giellisti* parisienses, assim chamados por sua associação à *Giustizia e Libertà* – conhecidos informalmente pelas iniciais GL, portanto *giellisti*. Havia oito deles naquela manhã, convocados para uma reunião de emergência. Todos usavam sobretudo escuros, sentados ao redor de uma mesa na sala apagada, e, com exceção da única mulher, usavam seus chapéus. Não só porque a sala era fria e úmida, mas também – embora ninguém jamais o tivesse dito em voz alta – porque de certo modo combinava com a natureza conspiratória de sua política: a resistência antifascista, a *Resistenza*.

Todos estavam mais ou menos na meia-idade, eram emigrados da Itália e membros de uma certa classe – um advogado de Roma, um professor da escola de medicina de Veneza, um historiador de arte de Siena, um homem que possuía uma farmácia na mesma cidade, a mulher uma ex-química industrial de Milão. E assim por diante – muitos usavam óculos e a maioria fumava cigarros, exceto o professor sienense de história da arte, empregado posteriormente como medidor para a companhia de gás, que fumava um pequeno e poderoso charuto.

Três deles trouxeram consigo um certo jornal matutino, o mais pérfido e ultrajante dos tablóides parisienses, e uma cópia jazia sobre a mesa, desdobrada para exibir uma fotografia granulada sob a manchete ASSASSINATO/SUICÍDIO NO HOTEL DOS AMANTES. Bottini, de peito nu, sentado e recostado numa cabeceira, um lençol puxado até a cintura, olhos abertos e vagos, sangue em seu rosto. A seu lado, uma forma sob o lençol, os braços abertos, jogados.

O líder do grupo, Arturo Salamone, deixou o jornal repousar por algum tempo, uma homenagem silenciosa. Em seguida, fechou o jornal com um suspiro, dobrou-o ao meio e pôs ao lado de sua cadeira. Salamone era um homem grande como um urso, com uma mandíbula pesada e sobranceiras espessas que se encontravam no alto do nariz. Fora um expedidor marítimo em Gênova e agora trabalhava como contador em uma companhia de seguros.

– E então – disse ele. – Aceitamos isto?

– Eu não – disse o advogado. – Encenação.

– Concordamos?

O farmacêutico limpou a garganta e disse:

– Temos absoluta certeza? De que isso foi homicídio?

– Eu tenho – disse Salamone. – Bottini não tinha tal brutalidade em si. Eles o mataram e à sua amante, a OVRA ou alguém como eles. Isto foi ordem de Roma; foi planejado, preparado e executado. E não apenas assassinaram Bottini, eles o difamaram: “Este é o tipo de homem, instável, depravado, que fala contra o nosso nobre fascismo.” E, claro, há pessoas que acreditarão.

– Alguns sempre acreditarão em qualquer coisa – disse a química.
– Mas veremos o que os jornais italianos dirão a respeito.

– Terão de seguir a linha governamental – disse o professor veneziano.
A mulher deu de ombros.

– Como de hábito. Ainda assim, temos alguns amigos por lá, e uma ou duas simples palavras, *alegou* ou *supostamente*, podem mandar sinais. Ninguém apenas lê as notícias hoje em dia, eles as decifram, como um código.

– Então, como contra-atacamos? – perguntou o advogado. – Não com olho por olho.

– Não – disse Salamone. – Não somos como eles. Não ainda.

– Precisamos expor tudo isso – disse a mulher. – A verdadeira história, no *Liberazione*. E esperar que a imprensa clandestina nos siga, aqui e na Itália. Não podemos deixar que saiam incólumes com o que fizeram, não podemos deixar que *pensem* que saíram incólumes. E deveríamos dizer de onde veio esta monstruosidade.

– De onde veio? – perguntou o advogado.

Ela apontou para o alto.

– Do topo.

O advogado assentiu.

– Sim, tem razão. Talvez possa ser feito como um obituário, numa caixa emoldurada em preto, um obituário *político*. Deve ser forte, muito forte: aqui está um homem, um herói, que morreu pelo que acreditava, um homem que disse verdades que o governo não suportou ver reveladas.

– Você escreverá? – perguntou Salamone.

– Farei um rascunho – disse o advogado. – Depois veremos.

O professor de Siena disse:

– Talvez você possa finalizar escrevendo que, quando Mussolini e seus amigos forem chutados para longe, poremos abaixo a merda de sua estátua num cavalo e ergueremos uma em honra a Bottini.

O advogado tirou uma caneta e um bloco do bolso e fez uma anotação.

– E quanto à família? – perguntou o farmacêutico. – A família de Bottini.

– Eu falarei com a esposa – disse Salamone. – Temos um fundo de reserva, precisamos ajudar da melhor maneira possível. – Após um momento, acrescentou: – E também é preciso escolher um novo editor. Sugestões?

– Weisz – disse a mulher. – Ele é o jornalista.

Ao redor da mesa, confirmação, a escolha óbvia. Carlo Weisz era um correspondente estrangeiro, trabalhara no *Corriere della Sera* de Milão, em seguida emigrara para Paris em 1935 e de algum modo encontrara trabalho no departamento da Reuters.

– Onde está ele, nesta manhã? – perguntou o advogado.

– Em algum lugar na Espanha – disse Salamone. – Foi enviado até lá para escrever sobre a nova ofensiva de Franco. Talvez a ofensiva final; a guerra espanhola está morrendo.

– É a Europa que está morrendo, meus amigos.

Isto dito por um próspero homem de negócios, de longe o contribuinte mais generoso, que raramente falava em reuniões. Deixara Milão e se estabelecera em Paris alguns meses antes, após a imposição das leis anti-semitas em setembro. Suas palavras, ditas com leve pesar, ocasionaram um momento de silêncio, porque não estavam erradas e eles sabiam disso. Aquele outono fora uma época maligna no continente – os tchecos traídos em Munique no fim de setembro, e em seguida, na segunda semana de novembro, um Hitler renovadamente encorajado lançara a *Kristallnacht*, a Noite de Cristal, a destruição de vitrines de lojas judias por toda a Alemanha, a prisão de judeus proeminentes, terríveis humilhações nas ruas.

Por fim, Salamone disse em voz branda:

– É verdade, Alberto, não se pode negar. E ontem foi a nossa vez, fomos atacados, ordenados a nos calar ou algo mais. No entanto, mesmo assim, haverá cópias do *Liberazione* na Itália ainda neste mês, ele será passado de mão em mão e dirá o mesmo que sempre disse: não desistam. Afinal, o que resta?

•

Na Espanha, uma hora depois da alvorada no 23º dia de dezembro, os canhoneiros nacionalistas dispararam sua primeira saraivada. Ainda meio adormecido, Carlo Weisz ouviu e sentiu. *Talvez*, pensou, *a alguns quilômetros ao sul*. Na cidade mercantil de Mequinenza, onde o rio Segre encontra o Ebro. Levantou-se, desvencilhou-se da capa de borracha sob a qual dormira e saiu pelo vão de entrada – a porta desaparecera havia muito – ao pátio do monastério.

Uma alvoradade El Greco. Gigantescas vagas de nuvens cinza erguiam-se no horizonte ao sul, estriadas de vermelho pelos primeiros raios da luz do sol. Enquanto observava, labaredas de disparos bruxuleavam na nuvem, e no momento seguinte, como trovões murmurando, detonações chegaram recuando pelo Segre. Sim, Mequinenza. Foi-lhes dito que esperassem uma nova ofensiva, “a campanha catalã”, pouco antes do Natal. Bem, aí estava.

Para avisar os outros, ele entrou novamente na sala onde passaram a noite. Outrora, antes que a guerra chegasse aqui, a sala fora uma capela. Agora, as janelas altas e estreitas eram emolduradas por fragmentos de vitrais coloridos enquanto os restos cintilavam no chão, havia buracos no teto e um canto exterior fora aberto por uma explosão. Em alguma época, deteve prisioneiros – era evidente devido às inscrições rabiscadas nas paredes de gesso: nomes, cruces encimadas por três pontos, datas, súplicas para serem lembrados, um endereço sem uma cidade. E fora usado como hospital de campanha, um montículo de bandagens usadas empilhadas num canto, manchas de sangue nos sacos de aniagem que cobriam os antiqüíssimos colchões de palha.

Seus dois companheiros já estavam acordados; Mary McGrath do *Chicago Tribune* e um tenente das forças republicanas, Sandoval, que era seu vigia, motorista e guarda-costas. McGrath inclinou seu cantil, despejou um pouco d’água no côncavo da mão e a esfregou no rosto.

– Parece que começou – disse ela.

– Sim – ele respondeu. – Ao sul, em Mequinenza.

– É melhor darmos o fora – disse Sandoval, em espanhol. A Reuters enviara Weisz à Espanha anteriormente, oito ou nove pautas desde 1936, e esta foi uma das primeiras frases que ele aprendeu.

Weisz ajoelhou ao lado de sua mochila, pegou uma pequena bolsa de tabaco e um pacote de papéis – seus Gitanes acabaram havia uma semana – e começou a enrolar um cigarro. Quarenta anos dentro de

poucos meses, era de estatura mediana, esbelto e compacto, com longos cabelos escuros, não exatamente negros, que penteava para trás com os dedos quando caíam na testa. Viera de Trieste e, como a cidade, era meio italiano pelo lado da mãe e meio esloveno – austríaco num passado distante, daí o nome – pelo lado do pai. De sua mãe herdara um rosto florentino, levemente aquilino, de constituição forte, com olhos inquisitivos de um surpreendente cinza-claro – um rosto descendente da nobreza, talvez, um rosto encontrado em retratos renascentistas. Mas não exatamente. Maculado pela curiosidade e simpatia, não era um rosto inflamado pela cobiça dos príncipes ou pelo poder dos cardeais. Weisz torceu as pontas do cigarro, prendeu-o entre os lábios e acendeu um isqueiro militar, um cilindro de aço que funcionava no vento, até que produziu uma chama.

Sandoval, segurando uma tampa de um distribuidor de ignição com fios dependurados – o modo consagrado pelo tempo de assegurar que o veículo ainda estaria ali pela manhã –, saiu para dar partida no carro.

– Para onde nos levará? – perguntou Weisz a McGrath.

– Norte daqui, foi o que ele disse, alguns quilômetros. Ele acha que os italianos estão bloqueando a estrada na margem leste do rio. Talvez.

Estavam em busca de uma companhia de voluntários italianos, remanescentes do Batalhão Garibaldi agora associados ao 5º Corpo de Exército republicano. O Batalhão Garibaldi juntamente com o Batalhão Thaelmann e o Batalhão André Marty – respectivamente alemão e francês – compunham anteriormente a 12ª Brigada Internacional, tendo sido a maior parte da força enviada para casa em novembro como parte de uma iniciativa política republicana. Porém, uma companhia italiana decidiu seguir lutando, e Weisz e McGrath estavam atrás daquela história.

Coragem em face da quase certa derrota. Pois o governo republicano, após dois anos e meio de guerra civil, mantinha apenas Madri, sob cerco desde 1936, e a ponta nordeste do país, a Catalunha, com administração agora situada em Barcelona, a cerca de 136 quilômetros das montanhas sobre o rio.

McGrath atarraxou novamente a tampa de seu cantil e acendeu um Old Gold.

– Muito bem – disse ela –, se os encontrarmos, seguimos para Castellans para telegrafar.

Uma cidade mercantil ao norte, e quartel-general do 5º Corpo de Exército, Castellans tinha serviço de telégrafo sem fio e um censor militar.

– Hoje, certamente – disse Weisz.

A troca de tiros ao sul se intensificou, a campanha catalã começara, tinham de telegrafar as notícias o quanto antes.

McGrath, uma correspondente veterana na casa dos quarenta anos, reagiu com um sorriso cúmplice e olhou para o relógio.

– Uma e vinte da manhã em Chicago. Portanto, edição da tarde.

Estacionado ao lado de um muro no pátio, um carro militar. Enquanto Weisz e McGrath observavam, Sandoval desdobrou a capota aberta e deu um passo para trás quando ela se fechou com estrondo, deslizando em seguida para o assento do motorista e imediatamente produzindo uma cadeia de explosões – altas e agudas, o motor não tinha abafador – e uma gaguejante nuvem de descarga preta, o ritmo das explosões diminuindo enquanto ele brincava com o afogador. Virou-se por fim, com um sorriso triunfante, e chamou os dois com um aceno.

Era um carro de comando francês, de cor cáqui, mas há muito tempo desbotado pelo sol e pela chuva, que servira na Grande Guerra e fora, vinte anos depois, enviado à Espanha apesar dos tratados europeus de neutralidade – *nonintervention élastique*, chamavam os franceses. Mas não suficientemente *élastique* – a Alemanha e a Itália armaram os nacionalistas de Franco, enquanto o governo republicano recebia uma relutante ajuda da União Soviética e comprava o que podia no mercado negro. Ainda assim, um carro era um carro. Quando chegou à Espanha, alguém com um pincel e uma lata de tinta vermelha, alguém com pressa, tentou pintar uma foice e um martelo na porta do motorista. Outro alguém grafou *J-28* em branco no capô, alguém mais disparou dois tiros através do assento traseiro e outro ainda arrebentou a janela do carona com um martelo. Ou talvez tudo tenha sido feito pela mesma pessoa – uma possibilidade real na guerra espanhola.

Enquanto se afastavam, um homem num hábito de monge apareceu no pátio da capela, observando-os enquanto partiam. Não tinham a menor idéia de que havia alguém no monastério, mas aparentemente ele estivera escondido em algum lugar. Weisz acenou, mas o homem apenas permaneceu parado ali, certificando-se de que tinham ido embora.

•

Sandoval dirigia lentamente na estrada de terra esburacada que corria junto ao rio. Weisz fumava seus cigarros, os pés para o alto no banco traseiro, e observava a paisagem campestre, carvalhos e zimbros mirrados, às vezes uma vila ou algumas poucas casas, um pinheiro alto com corvos enfileirados nos galhos. Pararam uma vez para a passagem de um rebanho; os carneiros tinham sinos em torno dos pescoços que vez por outra emitiam um pesado tilintar enquanto caminhavam, conduzidos por um pequeno e desgrenhado cão dos Pirineus que corria incessantemente nos limites do rebanho. O pastor se aproximou da janela do motorista, tocou sua boina em cumprimento e disse bom-dia.

– Eles vão cruzar o rio hoje – disse. – Os mouros do Franco.

Weisz e os outros olhavam para a margem oposta, mas viam apenas juncos e choupos.

– Estão lá – disse o pastor. – Mas não dá para ver.

Ele cuspiu, desejou boa sorte e seguiu seu rebanho morro acima.

Dez minutos depois, um par de soldados acenou para que parassem. Eles ofegavam, transpirando no ar gelado, os fuzis dependurados nos ombros. Sandoval diminuiu, mas não parou.

– Levem-nos com vocês! – gritou um deles.

Weisz olhou pelo vidro traseiro, imaginando se atirariam no carro, mas eles apenas pararam ali.

– Não deveríamos levá-los? – perguntou McGrath.

– Estão fugindo. Eu devia ter atirado neles.

– E por que não atirou?

– Não tenho coragem para isso – disse Sandoval.

Foram parados novamente, alguns minutos depois, por um oficial que descia o morro vindo da floresta.

– *Aonde* vocês vão? – perguntou a Sandoval.

– Estes dois são de jornais estrangeiros, estão procurando pela companhia italiana.

– Qual?

– Italianos. Da companhia Garibaldi.

– Aqueles dos lenços vermelhos?

– É isso mesmo? – Sandoval perguntou a Weisz.

Weisz respondeu que sim. A Brigada Garibaldi incluía voluntários comunistas e não-comunistas. A maioria dos últimos era de militares.

– Pois estão à sua frente, acho. Mas é melhor que vocês fiquem no topo da colina.

Alguns quilômetros adiante, a pista se bifurcava, e o carro se arrastou pela íngreme ladeira acima, o martelar da primeira marcha ecoando para além das árvores. No topo da colina, uma estrada de terra seguia para o norte. Dali tinham uma visão melhor do Segre, um rio lento e raso, deslizando pelas ilhas de pedregulhos no meio do curso d'água. Sandoval seguiu em frente, diante de uma bateria que atirava da margem oposta. Os artilheiros trabalhavam duro, levando balas para os carregadores, que punham os dedos nos ouvidos quando os canhões disparavam, as rodas rolando para trás a cada rechaço. A meio caminho subindo a encosta, uma granada explodiu acima das árvores, uma repentina lufada de fumaça negra que se dissipou no vento. McGrath pediu a Sandoval que parasse por um momento, saiu do carro e tirou um binóculo de sua mochila.

– Tome cuidado com o sol – disse Sandoval. Atiradores eram atraídos pelo brilho do sol refletido no binóculo, poderiam disparar uma rajada com uma mira de longo alcance. McGrath usou a mão como proteção, em seguida entregou o binóculo a Weisz. Através da pálida fumaça que pairava, ele vislumbrou uniformes verdes, talvez a 400 metros da margem oeste.

Quando retornaram ao carro, McGrath disse:

– Podem nos ver, aqui no topo desta colina!

– Com certeza podem – disse Sandoval.

A fileira do 5º Corpo de Exército engrossava à medida que seguiam rumo ao norte e, no outro lado do rio, na estrada pavimentada que levava à cidade de Serós, encontraram a companhia italiana, bem entrincheirada no pé da colina. Weisz contou três metralhadoras Hotchkiss 6,5 milímetros, montadas em bipés – fabricadas na Grécia, ouvira dizer, e contrabandeadas para a Espanha por gregos antimonarquistas. Também havia três morteiros. A companhia italiana recebeu ordens de defender uma importante posição, cobrindo a estrada pavimentada e uma ponte de madeira que cruzava o rio. A ponte foi destruída por uma explosão, deixando estacas carbonizadas de pé no leito do rio e algumas tábuas enegrecidas, arrastadas pela correnteza

até a margem. Assim que Sandoval estacionou o carro, um sargento se aproximou para ver o que queriam. Quando Weisz e McGrath saíram do carro, Sandoval disse:

– Falaremos em italiano, mas traduzo para vocês depois.

Ela agradeceu, e ambos empunharam blocos e lápis. Era tudo que o sargento precisava ver.

– Um momento, por favor. Vou chamar o comandante.

Weisz riu.

– Ora, diga pelo menos seu nome.

O sargento sorriu de volta.

– É Sargento Bianchi, certo?

Não use meu nome, ele quis dizer. Signor Bianchi e Signor Rossi – sr. Branco e sr. Vermelho – eram os equivalentes italianos de Silva e Souza, nomes genéricos para uma piada ou um pseudônimo cômico.

– Escreva o que quiser – disse o sargento. – Mas eu tenho família por lá.

Ele se foi e, alguns minutos depois, o comandante chegou.

Weisz sinalizou para McGrath, mas ela não viu o mesmo que ele.

O comandante era moreno, com o rosto, os malarres angulosos, o nariz pontudo e particularmente os olhos de um falcão, marcado por uma cicatriz que arqueava do canto do olho direito até o meio da face. Na cabeça, o quepe verde-claro de um soldado de infantaria espanhol, o topo alto com longa borla preta pendente. Usava um pesado suéter negro sob a farda cáqui de algum exército, sem insígnia, e as calças de outro. Cruzando o peito, apoiado num ombro, um cinto de pistola com uma automática no coldre. Nas mãos, luvas de couro negras.

Em italiano, Weisz disse bom-dia e acrescentou:

– Somos correspondentes. Meu nome é Weisz, esta é a Signora McGrath.

– Da Itália? – perguntou o comandante, incrédulo. – Vocês estão no lado errado do rio.

– A signora é do *Chicago Tribune* – disse Weisz. – E eu trabalho para a agência de notícias britânica, Reuters.

O comandante, alerta, estudou-os por um momento.

– Bem, é uma honra para nós. Mas, por favor, nada de fotos.

– Não, é claro que não. Por que disse “no lado errado do rio”?

– Aquela é a Divisão Littorio, do outro lado. Os Flechas Negras e os Flechas Verdes. Oficiais italianos, recrutas italianos e espanhóis. Portanto, hoje mataremos os *fascisti*, e eles nos matarão.

Do comandante, um sorriso sombrio: assim seguia a vida, infelizmente.

– De onde é, Signor Weisz? Eu diria que seu italiano é nativo.

– De Trieste – disse Weisz. – E o senhor?

O comandante hesitou. Mentir ou dizer a verdade? Finalmente disse:

– Sou de Ferrara, conhecido como Coronel Ferrara.

Sua expressão era quase de arrependimento, mas a resposta confirmou a intuição de Weisz, nascida no instante em que vira o comandante, pois fotografias de seu rosto, com sua cicatriz curva, estiveram nos jornais – louvado ou difamado, dependendo da política.

“Coronel Ferrara” era um *nom de guerre*, sendo comum o uso de pseudônimos entre voluntários do lado republicano, particularmente entre agentes stalinistas do Leste Europeu. Mas este *nom de guerre* era anterior à guerra civil. Em 1935, adotando o nome de sua cidade, o coronel abandonou as forças italianas combatendo na Etiópia – gás mostarda chovendo de aviões sobre vilarejos e milícias nativas – e ressurgiu em Marselha. Entrevistado pela imprensa francesa, disse que nenhum homem em sã consciência poderia tomar parte na guerra de conquista de Mussolini, uma guerra imperialista.

Na Itália, os fascistas tentaram destruir sua reputação de todas as maneiras possíveis, pois o homem que chamava a si mesmo de Coronel Ferrara era um herói legítimo e altamente condecorado. À idade de 19, serviu como suboficial, combatendo os exércitos alemão e austro-húngaro na fronteira alpina do norte da Itália, um oficial dos *arditi*. Eram tropas de choque, o nome derivado de *ardito*, significando “corajoso, bravo”, e eram os soldados mais respeitados da Itália, conhecidos pelos suéteres negros e por arrasar trincheiras inimigas durante a noite, facas presas entre os dentes, uma granada em cada mão, jamais usando uma arma de alcance maior que 30 jardas. Quando Mussolini lançou o partido fascista em 1919, seus primeiros recrutas eram quarenta veteranos *arditi*, irados pelas promessas quebradas de diplomatas franceses e britânicos, promessas usadas para levar a Itália à guerra em 1915. Mas este *ardito* era um inimigo, um inimigo público do fascismo, seu rosto marcado uma de suas maiores credenciais, e a mão tão severamente queimada que tinha de usar luvas.

- Quer dizer que posso designá-lo como Coronel Ferrara – disse Weisz.
- Sim. Meu verdadeiro nome não importa.
- Anteriormente pertenceu ao Batalhão Garibaldi, 12ª Internacional.
- Exato.
- Que foi dispensado, enviado de volta.
- Exilado – disse Ferrara. – Dificilmente poderiam voltar à Itália.

Então saíram em busca de um novo lar, junto com alemães, poloneses e húngaros, todos como nós, cães de rua que não seguem a matilha. A maioria foi para a França, que é para onde o vento sopra hoje em dia, embora não sejamos muito bem-vindos por lá.

– Mas vocês ficaram aqui.

– Nós ficamos – disse. – Cento e vinte e dois de nós, esta manhã. Não estamos prontos para desistir desta luta, isto é, desta causa, portanto aqui estamos.

– Que causa, coronel? Como o senhor a descreveria?

– Há muitas palavras, Signor Weisz, nesta guerra de palavras. É fácil para os bolcheviques, eles têm suas fórmulas: Marx diz isto, Lenin diz aquilo. Mas para o resto de nós, não é tão preto no branco. Estamos lutando pela liberdade da Europa, certamente, ou, se preferir, pela justiça, talvez, e com certeza contra todos os *cazzi fasulli* que querem dirigir o mundo à sua maneira. Franco, Hitler, Mussolini, pode escolher, e todos os homenzinhos ardilosos que fazem o trabalho para eles.

– Não posso escrever “*cazzi fasulli*”. Significa “putos falsos”. Quer mudar isso?

Ferrara deu de ombros.

– Então tire. Não posso dizê-lo melhor.

– Quanto tempo ficará?

– Até o fim, o que quer que isto venha a significar.

– Alguns dizem que a República está acabada.

– Alguns podem estar certos, mas nunca se sabe. Quando se faz o tipo de trabalho que fazemos aqui, é bom pensar que uma bala, disparada por um fuzileiro, poderia transformar a derrota em vitória. Ou talvez alguém como você escreva sobre a nossa pequena companhia, e os americanos saltem e digam: “*Por Deus, é verdade, vamos pegá-los, garotos!*”

Um sorriso repentino iluminou o rosto de Ferrara – a idéia era tão fora da realidade que chegava a ser engraçada.

– Isso será visto principalmente na Grã-Bretanha e no Canadá, e na América do Sul, onde os jornais publicam nossos despachos.

– Ótimo, então que saltem os ingleses, embora nós dois saibamos que isso não vai acontecer, não enquanto não for a vez deles de comer o *wiener schnitzel* de Adolf. Ou que tudo vá para o inferno na Espanha, e espere só para ver se isto vai parar por aqui.

– E a Divisão Littorio, do outro lado do rio, o que pensa deles?

– Ah, nós os conhecemos, os Littorio, e a milícia dos Camisas Negras. Lutamos contra eles em Madri, e quando eles ocuparam o Castelo Ibarra, nós o invadimos e os pusemos para correr. E faremos o mesmo hoje.

Weisz voltou-se para McGrath.

– Quer perguntar alguma coisa?

– Como tem sido até aqui? O que ele pensa da guerra, de uma derrota?

– Já falamos sobre isto. Está bom.

Do outro lado do rio, uma voz gritou “*Eià, eià, alalà*”. Era o grito de guerra fascista, a princípio usado pelos esquadrões dos Camisas Negras em suas primeiras batalhas de rua. Outras vozes repetiram a frase.

A resposta veio de um soldado posicionado numa metralhadora abaixo da estrada. “*Va f’an culo, alalà!*” Vá tomar no rabo. Outro riu, e duas ou três vozes repetiram o grito. Um metralhador disparou uma rajada curta, ceifando uma linha de juncos na margem oposta.

– Eu abaixaria a cabeça se fosse vocês – disse Ferrara. Dobrando a cintura, saiu trotando pela encosta.

Weisz e McGrath deitaram-se no chão, e McGrath sacou o binóculo.

– Posso vê-lo!

Weisz experimentou o binóculo. Um soldado estava deitado numa moita de juncos, as mãos em concha ao redor da boca enquanto repetia o grito de guerra. Quando a metralhadora disparou novamente, ele deslizou para trás e desapareceu.

Sandoval, revólver em punho, chegou correndo do carro e se atirou no chão ao lado deles.

– Está começando – disse Weisz.

– Eles não tentarão cruzar o rio – disse Sandoval. – Isto será hoje à noite.

Na margem oposta, um estrondo abafado, seguido por uma explosão que estilhaçou um arbusto de zimbro e provocou uma revoada

de passarinhos das árvores. Weisz pôde ouvir o bater das asas quando voaram por cima do morro.

– Morteiro – disse Sandoval. – Nada bom. Talvez eu deva tirar vocês daqui.

– Acho que deveríamos ficar um pouco – disse McGrath.

Weisz concordou. Quando McGrath disse a Sandoval que ficariam, ele apontou para um grupo de pinheiros.

– É melhor ali – disse ele.

Contaram até três e correram, alcançando as árvores exatamente quando uma bala ricocheteou acima de suas cabeças.

Os morteiros continuaram por dez minutos. A companhia de Ferrara não revidava, seus morteiros não alcançavam o outro lado do rio, e eles tinham de poupar todas as granadas que tinham para a noite próxima. Quando o fogo nacionalista cessou, a fumaça se dispersou e o silêncio retornou à encosta.

Algum tempo depois, Weisz percebeu que estava com fome. As unidades republicanas mal tinham comida suficiente para si mesmas, portanto os dois correspondentes e seu tenente vinham subsistindo de pão velho e uma saca de lentilhas – conhecidas, depois da descrição do ministro da economia republicano, como as “pílulas da vitória do dr. Negrín”. Não podiam acender uma fogueira ali, portanto Weisz vasculhou em sua mochila e tirou sua última lata de sardinhas – que não fora aberta antes porque a chave necessária para enrolar a tampa de metal se perdera. Sandoval resolveu o problema, usando um canivete para abrir a tampa, e os três lancetaram sardinhas e comeram com nacos de pão, entornando um pouco do óleo em cima. Enquanto comiam, o som do combate em algum lugar ao norte, um estrépito de metralhadoras e tiros de fuzis, desenvolveu um ritmo estável. Weisz e McGrath decidiram dar uma olhada, seguir rumo nordeste em direção a Castellans e enviar suas histórias.

Encontraram Ferrara em uma das posições de metralhadora, disseram adeus e desejaram boa sorte.

– Para onde irá, quando isto acabar? – perguntou-lhe Weisz. – Talvez possamos conversar novamente.

Ele queria escrever um segundo relato sobre Ferrara, a história de um voluntário no exílio, uma história do pós-guerra.

– Se eu ainda estiver inteiro, França, em algum lugar. Mas por favor, não divulgue isso.

– Não divulgarei.

– Minha família está na Itália. Talvez na rua, ou no mercado, alguém diz algo ou faz um gesto, mas em geral eles são deixados em paz. Comigo é diferente, podem fazer algo se souberem onde estou.

– Eles sabem que está aqui – disse Weisz.

– Ah, acho que sabem. Do outro lado do rio, eles sabem. Então tudo que têm de fazer é vir até aqui, dizer olá e contar como anda a vida.

Ergueu uma sobrancelha. Independentemente do que viesse a acontecer, ele era bom no que fazia.

– A Signora McGrath enviará sua história para Chicago.

– Chicago, sim, eu sei, os White Socks, os Young Bears, maravilha.

– Até a próxima – disse Weisz.

Apertaram-se as mãos, uma forte mão, pensou Weisz, dentro da luva.

Alguém do outro lado do rio atirou contra o carro enquanto este seguia ao longo da colina, e uma bala atravessou a porta traseira e saiu pelo teto. Weisz pôde ver um pedaço rasgado de céu através do buraco. Sandoval praguejou e pisou no acelerador, o carro disparou e, enquanto trombava contra os buracos e montes na estrada, quicava no ar e batia duramente no chão, esmagando suas velhas molas e chocando aço contra aço com um estrondo horrível. Weisz mantinha a mandíbula cerrada para não quebrar um dente. Murmurando, Sandoval pedia a Deus que poupasse os pneus. Logo, após alguns minutos, diminuiu. McGrath voltou-se no assento do carona e pôs um dedo no buraco de bala. Calculando a distância entre Weisz e a trajetória da bala, disse:

– Carlo? Você está bem?

O som da batalha adiante aumentava, mas eles nada viam. No céu ao norte, dois aviões apareceram, os alemães HE-111 Heinkels, segundo Sandoval. Lançaram bombas contra as posições espanholas sobre o Segre, em seguida arremeteram e metralharam o lado leste do rio.

Sandoval saiu da estrada e parou o carro sob uma árvore, o máximo de cobertura que pôde encontrar.

– Vão acabar conosco – disse. – Não há razão para seguir em frente, a menos que vocês queiram ver o que aconteceu com os homens junto ao rio.

Weisz e McGrath não precisavam ver, já tinham visto muitas vezes antes.

Portanto, Castellldans.

Sandoval deu meia-volta no carro, retomou a estrada pavimentada e seguiu para o leste, em direção à cidade de Mayals. A estrada ficou deserta durante certo tempo, enquanto galgava uma longa e íngreme ladeira através de uma floresta de carvalhos, emergindo depois num alto platô e encontrando uma estrada de terra que atravessava os vilarejos ao sul e ao norte.

Naquela altitude, o céu se fechara; nuvens cinzas sobre um capão vazio e uma fita de estrada que serpenteava através dele. Na estrada, uma vagarosa coluna cinzenta se estendia a perder de vista, um exército em retirada, quilômetros dele, interrompido apenas pelas ocasionais carroças puxadas por mulas, carregando aqueles que não podiam andar. Aqui e ali caminhavam refugiados entre os vagarosos soldados, alguns com carros de bois levando baús e colchões, o cão da família no alto junto aos idosos, ou mulheres com crianças.

Sandoval desligou o motor, Weisz e McGrath saíram e postaram-se ao lado do carro. Não se ouvia um único som no árido vento que soprava das montanhas. McGrath tirou os óculos e esfregou as lentes com a barra da camisa, entrefechando os olhos enquanto observava a coluna.

– Meu Deus – disse ela.

– Você já viu isso antes – disse Weisz.

– Sim, eu vi.

Sandoval abriu um mapa sobre o capô.

– Se retornarmos alguns quilômetros, poderemos contornar a coluna – disse ele.

– Para onde vai esta estrada? – perguntou McGrath.

– Barcelona – respondeu Sandoval. – Para a costa.

Weisz buscou bloco e lápis. *O céu se fechara no fim da manhã, com nuvens baixas e cinzentas sobre o alto platô, e uma fita de estrada que serpenteava através dele, rumo leste, em direção a Barcelona.*

O censor, em Castellldans, não gostou daquilo. Era um major do exército, alto e magro, o rosto de uma asceta. Sentou-se diante de uma mesa nos fundos do que antes fora o posto dos correios, não muito longe do equipamento de telégrafo sem fio e do funcionário que o operava.

– Por que faz isso? – perguntou. Seu inglês era preciso, tinha sido professor. – Será que não poderia dizer “reposicionando-se”?

– O que vi foi um exército em retirada – disse Weisz.

– Isso não nos ajuda.

– Eu sei – disse Weisz. – Mas é a verdade.

O major releu a história, algumas páginas cobertas em letra de forma escrita à lápis.

– Seu inglês é muito bom – disse.

– Obrigado, senhor.

– Diga-me, Señor Weisz, será que não poderia simplesmente escrever sobre nossos voluntários italianos, e o coronel? A coluna que descreve foi substituída, a frente ainda está sendo mantida no Segre.

– A coluna é parte da história, major. Precisa ser relatada.

O major devolveu o texto e acenou com a cabeça em direção ao funcionário.

– Pode enviar como está – disse a Weisz. – E depois o senhor pode lidar com sua consciência da maneira que lhe aprouver.

26 de dezembro. Weisz recostou-se na poltrona de camurça desbotada num compartimento de primeira classe, enquanto o trem passava roncando diante da periferia de Barcelona. Estariam na divisa da fronteira de Port Bou em poucas horas, e depois na França. Weisz estava na poltrona da janela; diante dele, uma criança pensativa junto à mãe e ao pai, um homenzinho asseado num terno escuro, um relógio de ouro preso no colete. Ao lado de Weisz, a filha mais velha, usando uma aliança de casamento embora não houvesse nenhum marido à vista, e uma mulher gorda com cabelos grisalhos, talvez uma tia. Uma família silenciosa, pálida, abalada, deixando o lar, provavelmente para sempre.

Este homenzinho aparentemente seguira seus princípios, era um aliado do governo republicano ou um de seus funcionários públicos. Tinha a aparência de um funcionário público. Mas agora tinha de es-

capar enquanto podia, a fuga começara, e o que o aguardava na França era, se não tivesse sorte, um campo de refugiados – tendas, arame farpado – ou, se a sorte sorrisse, penúria. Para evitar o enjôo do trem, a mãe vasculhava num saco de papel amassado e, de quando em quando, administrava uma gota de limão a cada membro da família; começavam as pequenas economias.

Olhando para o compartimento do outro lado do corredor, Weisz pôde ver Boutillon, do diário comunista *L'Humanité*, e Chisholm, do *Christian Science Monitor*, compartilhando sanduíches e uma garrafa de vinho tinto. Weisz voltou-se para a janela e contemplou o mato verde-acinzentado que crescia à margem dos trilhos.

O major espanhol tinha razão quanto a seu inglês: era bom. Depois de terminar os estudos secundários numa academia particular em Trieste, ele partiu para a *Scuola Normale* – fundada por Napoleão, imitando a *École Normale* de Paris, e muitas vezes o berço de primeiros-ministros e filósofos –, na Universidade de Pisa, provavelmente a mais prestigiosa universidade da Itália. Lá estudou economia política. A *Scuola Normale* não foi exatamente sua escolha, foi ditada pelo nascimento. Ditada por Herr Doktor Professor Helmut Weisz, o eminente etnólogo e pai de Weisz, nessa ordem. E logo, de acordo com o planejado, ele entrou na Universidade de Oxford, mais uma vez em economia, onde conseguiu ficar por dois anos. Época em que seu tutor, um homem incrivelmente gentil e educado, sugeriu que seu destino intelectual estava em outro lugar. Não que Weisz não tivesse aptidão para aquilo – tornar-se um docente –, mas ele simplesmente não queria fazê-lo, não de fato. Em Oxford, *não de fato* era uma ortografia variante para *ruína*. Assim, após uma última noite de bebedeira e cantoria, ele se foi. Mas se foi com um ótimo inglês.

E isto, na forma estranha e misteriosa em que o mundo funcionava, acabou sendo sua salvação. De volta a Trieste, que em 1919 mudou de nacionalidade austro-húngara para italiana, ele passava seus dias nos cafés com os amigos de sua cidade natal. Não era uma turma tradicional: descabelados, espertos, rebeldes – um aspirante a romanista, um aspirante a ator, dois ou três não sei/não ligo/não me importo, um aspirante a explorador de ouro na Amazônia, um comunista, um gigolô e Weisz.

“Você deveria ser jornalista”, diziam-lhe. “Ver o mundo.”

Conseguiu um emprego num jornal de Trieste. Escrevia obituários, relatava um crime ocasional, de vez em quando entrevistava uma autoridade local. Seu pai, sempre frio, neste caso cintilante como gelo, mexeu alguns pauzinhos, e Weisz retornou a Milão para escrever no principal jornal da Itália, o *Corriere della Sera*. A princípio mais obituários, e depois uma pauta na França, outra na Alemanha. Nestas, à idade de 25, ele trabalhou – trabalhou mais duro do que jamais havia feito, pois finalmente descobrira a grande motivação da vida: o medo do fracasso. *Presto*, a poção mágica!

Na verdade uma pena, porque o reinado de Mussolini havia começado, com a Marcha sobre Roma – Mussolini foi de trem – em 1922. Logo se instituíram leis de imprensa restritivas e, por volta de 1925, o jornal passou a ser de propriedade de simpatizantes fascistas, e o editor teve de pedir demissão. Os antigos editores saíram com ele, um determinado Weisz agüentou por três meses, e depois saiu porta afora em seu rastro. Pensou em emigrar, depois voltou a Trieste, conspirou com amigos, arrancou um ou dois cartazes das paredes, mas em geral manteve a cabeça baixa. Viu pessoas sendo espancadas, pessoas com sangue no rosto, sentadas na rua. Não era para Weisz.

Em todo caso, Mussolini e sua corja logo cairiam, era uma simples questão de esperar, o mundo sempre se ajeitara e o faria novamente. Pegou tépidas pautas nos jornais de Trieste – um jogo de futebol, um incêndio num cargueiro no porto –, deu aulas de inglês para alguns estudantes, apaixonou-se, desapaixonou-se, passou 18 meses escrevendo para um periódico comercial em Basel, outro ano num informativo das remessas marítimas de Trieste, sobreviveu. Sobreviveu e sobreviveu. Forçado pela política às margens da existência profissional, assistia enquanto sua vida escorria como areia.

Então, em 1935, com a pavorosa guerra de Mussolini na Etiópia, não pôde mais suportar. Nesta época, juntou-se aos *giellisti* de Trieste – o aspirante a romancista estava agora trancafiado na ilha-prisão de Lipari, o comunista se tornou fascista, o gigolô se casou com uma condessa e ambos tinham namorados, e o aspirante a explorador encontrou ouro e morreu rico; havia mais do que tesouros para se encontrar na Amazônia.

Assim, Weisz foi a Paris, encontrou um quarto num minúsculo hotel no distrito de Belleville e começou a viver sob a dieta imaginada por cada sonhador que chegava a Paris; pão, queijo e vinho. Porém, muito bom pão – o preço controlado pelo brutalmente perspicaz governo francês –, muito bom queijo, incrementado com azeitonas e cebolas, e horrendo vinho argelino. As mulheres eram um clássico e efetivo acréscimo à dieta: se ele estava pensando em mulheres, não estava pensando em comida. A política era um cansativo acréscimo à dieta, mas ajudava. Era mais fácil, muito mais fácil, sofrer acompanhado, e a companhia às vezes incluía jantar, e mulheres. Assim, após sete meses lendo jornais em mostradores de cafeterias e procurando emprego, Deus lhe enviou Delahanty. O Grande Autodidata, Delahanty. Aquele que o ensinou a ler em francês, ler em espanhol, ler – Deus tenha piedade! – em grego, e a ler, providencialmente, em italiano. Delahanty, o chefe do departamento parisiense da agência de notícias Reuters. *Ecco*, um emprego!

Delahanty, cabelos brancos e olhos azuis, abandonara a escola em Glasgow havia muitos anos e, como dizia, “trabalhou para os jornais”. Vendendo-os a princípio, depois passando de copista a repórter novato, sua ascensão impulsionada por determinação, insolência e elegante oportunismo. Até que chegou ao topo – chefe do departamento de Paris, um especialista de prestígio que lia cópias de despachos dos departamentos mais importantes da Europa – Berlim, Roma. O que fazia dele a aranha no centro da teia, na área das agências de notícias próximas à place de l’Opéra, onde, num gelado dia de primavera, Carlo Weisz apareceu.

– Pois bem, sr. Weisz... A pronúncia é *Weiss*, e não *Weisch*, certo? O senhor escreveu para o *Corriere*. Não resta muito dele hoje em dia. Um triste destino para um bom jornal como aquele. Agora me diga, será que tem os recortes do que escreveu?

Os artigos recortados, transportados numa pasta barata, não estavam nas melhores condições, mas eram legíveis, e Delahanty os leu.

– Não senhor – disse –, não precisa se incomodar em traduzir, eu me viro com o italiano.

Delahanty pôs os óculos e leu com o dedo indicador.

– Hmm. Hmm, não está tão mau. Já vi piores. O que quis dizer com isso, bem aqui? Ah, faz sentido. Acho que o senhor pode fazer este tipo de trabalho, sr. Weisz. Gosta dele? E o senhor se importa com o que faz,

sr. Weisz? Os novos esgotos da Antuérpia? O concurso de beleza em Düsseldorf? Não se incomoda em fazer esse tipo de coisa? Como é o seu alemão? Falava em casa? Um pouco servo-croata? Não faz mal. Ah, entendo, Trieste, claro, eles falam de tudo por lá, não? Como é o seu francês? Sim, eu também, eu me viro, e os franceses olham torto, mas dá para administrar. Algum espanhol? Não, não se preocupe, você vai pegar. Agora falando francamente, aqui fazemos as coisas no estilo Reuters, você aprenderá as regras, tudo que precisa fazer é segui-las. E tenho que avisar que você não será *o* homem da Reuters em Paris. Mas será *um* homem da Reuters, e isso não é assim tão mau. É o que eu fui, e escrevi sobre absolutamente todas as coisas que existem sob o sol. Então me diga, o que acha, senhor? Pode fazê-lo? Viajar de trem, carroças de mula e afins, e conseguir a história para nós? Com emoção? Com sensibilidade para o lado humano, do primeiro-ministro em sua grande mesa ao camponês em seu pedacinho de terra? Acha que pode? Eu sei que pode! E se sairá muito bem. Ora, por que não colocar a mão na massa imediatamente? Que tal amanhã? O encarregado anterior, bem, há uma semana ele foi para a Holanda e desmaiou no colo da rainha. É a maldição desta profissão, sr. Weisz, tenho certeza de que sabe disso. Muito bem, tem alguma pergunta? Nenhuma? Certo, então isto nos leva ao triste assunto do dinheiro.

Weisz caiu no sono, depois acordou quando o trem chegou a Port Bou. A família espanhola olhava para a plataforma diante dos trilhos, para alguns guardas civis encostados na parede da bilheteria, para uma pequena multidão de refugiados postados entre baús, trouxas e malas amarradas com cordas, esperando pelo trem para o sul. Ao que parecia, nem todos tinham permissão para cruzar a fronteira. Após alguns minutos, oficiais espanhóis entraram no vagão, pedindo documentos. Quando chegaram ao compartimento ao lado, a filha mais velha, ao lado de Weisz, fechou os olhos e apertou as mãos uma contra a outra. Ele percebeu que ela estava rezando. Mas os oficiais foram educados – afinal, esta era a primeira classe –, passaram apenas uma vista rápida nos documentos e seguiram para o próximo compartimento. Em seguida, o trem soou seu apito e avançou alguns metros pelos trilhos, onde os oficiais franceses estavam esperando.

Relatório do Agente 207, entregue em mãos no dia 5 de dezembro a uma base clandestina da OVRA no Décimo Arrondissement:

O grupo *Liberazione* se reuniu na manhã de 3 de dezembro no Café Europa, os mesmos elementos que constam dos relatórios anteriores, ausentes o engenheiro AMATO e o jornalista WEISZ. Decidiu-se publicar um “obituário político” do advogado BOTTINI e afirmar que sua morte não foi suicídio. Decidiu-se também que o jornalista WEISZ assumirá agora a editoria do jornal *Liberazione*.

28 de dezembro. Com a prosperidade, ou pelo menos com sua prima distante, Weisz encontrou para si um novo lugar para viver, o Hotel Dauphine, na rue Dauphine, Sexto Arrondissement. A proprietária, Madame Rigaud, era uma viúva da guerra de 1914 e, como muitas mulheres vistas por toda a França, ainda usava o negro do luto após vinte anos. Ela gostou de Weisz e não cobrou excessivamente pelos dois quartos, ligados por uma porta, no alto de quatro intermináveis lances de escadas, no último andar. Pobre rapaz, ela o alimentava de vez em quando na cozinha do hotel, um agradável descanso dos pequenos antros que ele freqüentava, *Mère* isso e *Chez* aquilo, salpicados pelas ruas estreitas do Sexto.

Exausto, dormiu tarde na madrugada do dia 28 e, quando o sol angulava através das ripas das persianas fechadas, obrigou-se a acordar e ao levantar descobriu que quase tudo doía. Até a passagem por uma guerra, durante algumas semanas, estava cobrando seu preço. Mais tarde devoraria o almoço de três pratos, passaria rapidamente pelo escritório, checaria se algum dos *habitués* de seu café estava presente e talvez telefonasse para Véronique, quando ela chegasse em casa voltando da galeria. Um dia agradável, ou pelo menos a expectativa dele. Contudo, os poeirentos raios de sol revelaram uma tira de papel, deslizada sob sua porta em algum momento enquanto ele dormia. Uma mensagem, trazida pelo funcionário da recepção do hotel. Ora, o que poderia ser? Véronique? *Meu querido, você precisa me encontrar, como anseio por você!* Pura fantasia, e ele sabia disso. Véronique jamais sequer consideraria fazer algo do tipo, aquele era um caso de amor muito pálido, de vez em quando, aqui e ali.

Ainda assim, nunca se sabe, tudo era possível. Diante da remota possibilidade, ele leu a nota. “Por favor, telefone assim que voltar. Arturo.”

Encontrou Salamone num bar deserto próximo à companhia de seguros. Sentaram-se no fundo e pediram café.

– E como está indo na Espanha? – perguntou Salamone.

– Mal. Está quase terminado. O que resta é a nobreza de uma causa perdida, mas isso é coisa frágil numa guerra. Fomos derrotados, Arturo, e podemos agradecer aos franceses e britânicos e ao pacto de não-intervenção. Vencidos pela superioridade das armas, e não da luta, fim de papo. Portanto, o que acontecerá a seguir está agora nas mãos de Hitler.

– Bem, minha notícia não é nem um pouco melhor. Tenho de lhe dizer que Enrico Bottini está morto.

Weisz levantou os olhos ríspidamente, e Salamone lhe entregou uma página recortada de um jornal. Weisz vacilou quando viu a fotografia, leu rapidamente a prosa do tablóide, e então balançou a cabeça e o devolveu.

– Algo aconteceu, pobre Bottini, mas não isso.

– Não, acreditamos que foi obra da OVRA. Encenada para parecer um assassinato/suicídio.

Weisz sentiu a ferroada aguda que nauseava o coração; não era como ser baleado, era como ver uma cobra.

– Tem certeza?

– Sim.

Weisz respirou fundo e desabafou:

– Que queimem no inferno por isso.

Somente a raiva curaria o medo que o dominou.

Salamone concordou.

– Com o tempo, queimarão. – Fez uma pausa e depois disse: – Mas por hora, Carlo, o comitê quer que você o substitua.

Weisz assentiu casualmente, como se lhe tivessem perguntado as horas.

– Hum – disse. *É claro que querem.*

Salamone riu, o ribombar de um contrabaixo dentro de um urso.

– Sabíamos que você ficaria ansioso por isso.

– Oh sim, *ansioso* é pouco. Mal posso esperar para contar à minha namorada.

Salamone quase acreditou nele.

– Ahh, eu não acho...

– E na próxima vez que formos para a cama, tenho que me lembrar de fazer a barba. Para a fotografia.

Salamone assentiu, fechou os olhos. *Sim, eu sei, perdoe-me.*

– Além de tudo – disse Weisz –, eu me pergunto como posso fazer isso e viajar pela Europa para a Reuters.

– É do seu instinto que precisamos, Carlo. Idéias, intuições. Sabemos que teremos de substituí-lo, dia a dia.

– Mas não quando se trata do grande momento, Arturo. Aquele é todo meu.

– Todo seu – disse Salamone. – Mas, brincadeiras à parte, a resposta é sim?

Weisz sorriu.

– Você acha que eles têm um licor Strega aqui?

– Vamos perguntar – respondeu Salamone.

O que tinham era conhaque, e eles se conformaram com isso.

Weisz tentou ter o dia agradável, provando a si mesmo que a mudança em sua vida não o afetava tanto assim. O almoço de três pratos, *céleri rémoulade*, vitela *à la Normande*, *tarte Tatin*, foi consumido – algo dele, em todo caso – e a indagação silenciosa do garçom, ignorada, mas resultando numa gorjeta generosa inspirada pela culpa. Apreensivo, passou direto por sua cafeteria habitual e tomou café em outro lugar, sentando próximo a uma mesa de turistas alemães com câmeras e guias de viagem. Turistas alemães bastante quietos e sóbrios, pareceu-lhe. E ele realmente encontrou Véronique naquela noite, no apartamento dela, abarrotado de obras de arte, no Sétimo. Lá ele se sentiu melhor; as ritualísticas preliminares foram saboreadas com mais intensidade, e mais longamente, do que de costume – ele sabia do que ela gostava, ela sabia do que ele gostava, e portanto tiveram bons momentos. Mais tarde, ele fumava um Gitane e a observava sentada em sua penteadeira, seus pequenos seios subindo e descendo enquanto ela escovava os cabelos.

– Sua vida vai bem? – disse ela, capturando seus olhos no espelho.

– Neste exato momento, sim.

Ela retribuiu com um caloroso sorriso, afetuosa e apaziguada, sua alma de mulher francesa exigindo que ele encontrasse conforto em fazer amor com ela.

Saindo à meia-noite, ele não seguiu diretamente para casa – uma caminhada de 15 minutos –, mas tomou um táxi no ponto do metrô, foi até o apartamento de Salamone em Montparnasse e pediu ao motorista que esperasse. A transferência da sede editorial do *Liberazione* – caixas de fichas de índice tamanho A5, pilhas de pastas de arquivos – exigia duas jornadas subindo e descendo as escadas do prédio de Salamone, e duas mais no Dauphine. Weisz levou tudo para o escritório que fez para si em seu segundo quarto; uma pequena escrivaninha em frente à janela, uma máquina de escrever Olivetti de 1931, um belo gabinete-fichário de carvalho que anteriormente servira no escritório de uma corretora de grãos. Quando concluíram a mudança, as caixas e pastas cobriam o tampo da escrivaninha, com uma pilha no chão. Portanto, aí estava, papelada.

Folheando alguns números antigos, ele encontrou o último artigo que escreveu, uma matéria sobre a Espanha para a primeira das duas edições de novembro. A história era baseada num editorial do semanário da Brigada Internacional, *Nossa Luta*. Com tantos comunistas e anarquistas nas tropas da brigada, as convenções da disciplina militar eram frequentemente consideradas contrárias aos ideais igualitários. Por exemplo, a continência. A matéria de Weisz tinha um elegante toque irônico – devemos encontrar um modo, disse a seus leitores na Itália, de cooperar, de trabalhar juntos contra o *fascismo*. Mas isto não é sempre tão fácil, vejam só o que está acontecendo na guerra espanhola, mesmo em meio ao feroz combate. O autor do *Nossa Luta* justificava a continência como “a forma militar de dizer olá”. Argumentou que a continência não era antidemocrática, afinal dois oficiais de patentes iguais faziam continência um ao outro, que “uma continência é um sinal de que um camarada que era um individualista egocêntrico na vida privada ajustou-se ao modo coletivo de fazer as coisas”. O artigo de Weisz era também uma leve alfinetada num dos concorrentes do *Liberazione*, o comunista *L’Unità*, impresso em Lugano e amplamente distribuído. Nosso grupo, insinuou, nós, liberal-democratas, socialdemocratas, humanistas de centro, não somos, graças aos céus, afligidos por toda aquela agonia doutrinal quanto a símbolos.

Ele esperava que o artigo fosse divertido, e isso era crucial. Pretendia oferecer um descanso da vida diária fascista – um descanso muito necessário. Por exemplo, o governo de Mussolini emitia um comunicado diário no rádio, e qualquer um dentro do raio de audição tinha de ficar de pé durante a transmissão. Esta era a lei. Portanto, estando em um café, ou no trabalho, ou mesmo em sua própria casa, era preciso ficar de pé, e aí daqueles que não ficassem.

Pois bem, o que tínhamos para janeiro. O advogado de Roma estava escrevendo o obituário de Bottini. Este seria, *quem assassinaria um homem honrado?* Weisz previa que Salamone faria uma revisão, e ele próprio também. Havia sempre um resumo das notícias do mundo – notícias que tinham sido abafadas ou distorcidas na Itália, onde o jornalismo tinha sido definido por lei como acessório de apoio da política nacional. O resumo, extraído de jornais franceses e britânicos, e particularmente da BBC, era incumbência da química de Milão e era sempre factual e exato. Eles também tinham, sempre tentavam ter, uma charge, geralmente desenhada por um emigrado funcionário do parisiense *Le Journal*. Para janeiro, aqui estava Mussolini bebê, com uma touquinha particularmente rica em babados, sentado nos joelhos de Hitler e sendo alimentado com uma farta colherada de suásticas. “Mais, mais!”, grita o bebê Mussolini.

Acima de tudo, os *giellisti* queriam criar um racha entre Hitler e Mussolini, pois Hitler pretendia trazer a Itália para a iminente guerra a seu lado, mesmo tendo o próprio Mussolini declarado que a Itália não estaria pronta para a guerra antes de 1943.

Muito bem, o que mais?

Salamone lhe disse que o professor de Siena estava trabalhando numa matéria, baseada numa carta contrabandeada, que descrevia o comportamento de um chefe de polícia e uma quadrilha fascista numa cidade na região dos Abruzzi. O objetivo do artigo era nomear o chefe de polícia, que rapidamente tomaria conhecimento de sua nova fama uma vez que o jornal chegasse à Itália. *Sabemos quem você é, sabemos o que está fazendo, e você será responsabilizado quando chegar a hora.* E mais, quando sair na rua, abra o olho. Essa exposição o irritaria, mas poderia obrigá-lo a pensar duas vezes sobre o que estava fazendo.

Portanto: Bottini, resumo, charge, chefe de polícia, algumas variedades, talvez um texto de teoria política – Weisz se certificaria de que

fosse breve – e um editorial, sempre apaixonado e poético, que quase sempre dizia a mesma coisa: resista nas pequenas coisas, isto não poderá continuar, a maré vai virar. Os grandes heróis liberais italianos, Mazzini, Garibaldi, Cavour, seriam citados. E sempre em negrito no topo da primeira página: “Por favor, não destrua este jornal, dê a um amigo de confiança, ou deixe onde outros possam ler.”

Weisz tinha quatro páginas para preencher; o jornal era impresso numa única folha dobrada. Uma pena, pensou, que não podiam publicar anúncios. *Após um longo e duro dia de dissidência política, giellisti de bom gosto jantam no Lorenzo's*. Não, não era assim, o espaço que restava era dele, e o tema era óbvio, Coronel Ferrara, mas... Mas quê? Não sabia exatamente. Em algum lugar desta idéia ele pressentia uma bomba-relógio. Onde? Não conseguia discernir. A história do Coronel Ferrara não era nova, já tinham escrito sobre ele em 1935 em jornais italianos e franceses, e a história sem dúvida foi colhida pelas agências de notícias. Ele apareceria na matéria da Reuters, que provavelmente seria reescrita como crônica – as agências de notícias, e a imprensa inglesa em geral, não tomavam partido na guerra espanhola.

Sua matéria no *Liberazione* não seria em nada semelhante àquilo. Escrita sob seu pseudônimo, Palestrina – todos usavam compositores como pseudônimos –, seria heróica, inspiradora, emocional. O chapéu de soldado de infantaria, a pistola no cinto, os gritos cruzando o rio. Mussolini enviara 75 mil soldados italianos para a Espanha, cem bombardeiros Caproni, tanques Whippet, canhões, munição, navios – tudo. Uma vergonha nacional; eles já tinham dito antes, diriam novamente. Mas aqui estava um oficial e 122 homens que tinham a coragem de lutar por seus ideais. E os distribuidores se certificariam de deixar cópias nas cidades próximas às bases militares.

Portanto, isso tinha de ser escrito, e o próprio Ferrara pedira apenas que seu destino futuro não fosse citado. Fácilimo de fazer. *Melhor ainda* – o leitor poderia muito bem imaginar que ele iria combater em outro lugar, onde quer que homens e mulheres corajosos estivessem enfrentando a tirania. De outro modo, Weisz perguntou a si mesmo, o que poderia dar errado? Os serviços secretos italianos certamente sabiam que Ferrara estava na Espanha, sabiam seu verdadeiro nome, sabiam tudo a seu respeito. E Weisz se certificaria de que este artigo não revelasse nada que pudesse

ajudá-los. Além disso, na verdade, o que *não* era uma bomba-relógio nestes dias? Pois bem, ele tinha esta pauta e, uma vez concluída, voltaria às pastas de arquivos.

Carlo Weisz sentou-se em sua escrivaninha, o paletó pendurado nas costas da cadeira. Vestia uma camisa cinza-clara com um fino riscado vermelho, mangas dobradas, botão da gola aberto, gravata afrouxada. Um pacote de Gitanes descansava próximo a um cinzeiro do San Marco, a cafeteria dos conspiradores e artistas de Trieste. O rádio estava ligado, o mostrador cor de âmbar aceso, sintonizando uma performance de Duke Ellington gravada numa casa noturna do Harlem, e a sala estava escura, iluminada apenas por um pequeno abajur com uma cúpula de vidro verde. Recostou-se na cadeira por um momento, esfregou os olhos e correu os dedos pelos cabelos para tirá-los da testa. E, se por acaso ele estivesse sendo observado de um apartamento do outro lado da rua – as persianas estavam abertas –, jamais ocorreria ao espião que esta era uma cena para um cinejornal, ou para uma página de um livro ilustrado dos *Guerreiros do Século XX*.

De Weisz, um silencioso suspiro quando voltou ao trabalho. Percebeu que estava em paz, pela primeira vez desde seu encontro com Salamone. Estranhíssimo, não? Pois tudo que estava fazendo era ler.

10 de janeiro, 1939. Desde a meia-noite, uma neve lenta e uniforme caía sobre Paris. Às três e meia da manhã, Weisz postou-se na esquina da rue Dauphine com a marginal esquerda do Sena. Perscrutou através da escuridão, tirou as luvas e tentou esfregar um pouco de calor nas mãos. Uma noite sem ventos; a neve descia sobre a rua branca e o rio negro. Weisz estreitou os olhos, perscrutando ao longo da marginal, mas não pôde ver coisa alguma, e em seguida olhou para o relógio; 3h34. *Atrasado, mas não como Salamone, talvez...* Contudo, antes que pudesse imaginar as possíveis catástrofes, viu um par de faróis turvos oscilando à medida que o carro derrapava nos paralelepípedos escorregadios.

O velho e amassado Renault de Salamone deslizou em direção à calçada e parou ao aceno de Weisz. Ele teve de puxar com força para abrir a porta, enquanto Salamone se inclinava sobre o banco do carona e empurrava do outro lado.

– Ahh, que merda – disse Salamone.

O carro estava frio, o aquecedor não funcionava havia muito, e os esforços de seu único limpador de pára-brisas pouco faziam para limpar o vidro. No banco traseiro, um pacote embrulhado em papel pardo e amarrado com barbante.

O carro chacoalhou e derrapou ao longo da marginal, passando pelo grande vulto negro da Notre Dame, rumando leste junto ao rio até chegar à Pont d'Austerlitz, a ponte que cruzava para a margem direita do Sena. À medida que o vidro embaçava, Salamone se inclinava sobre o volante.

– Não vejo nada – disse ele.

Weisz esticou o braço e abriu um pequeno círculo com a luva.

– Melhor?

– *Mannaggia!* – exclamou Salamone, ou seja, dane-se a neve e o carro e tudo o mais. – Aqui, tente com isto.

Ele vasculhou no bolso do sobretudo e tirou um grande lenço branco. O Renault esteve esperando pacientemente por este momento, quando o condutor estivesse com uma única mão no volante, e lentamente girou num círculo enquanto Salamone praguejava e pisoteava o freio. O Renault o ignorou, completando uma segunda pirueta, e por fim parou com as rodas traseiras enfiadas num monte de neve que se acumulara contra um poste de luz no final da ponte.

Salamone pôs o lenço de lado, ligou o carro empacado e engatou a primeira marcha. As rodas patinhavam enquanto o motor ganhava; uma vez, duas vezes, novamente.

– Espere, pare, vou empurrar – disse Weisz.

Usou o ombro para abrir a porta, deu um passo do lado de fora, e logo seus pés levantaram vôo e ele se estatelou no chão.

– Carlo?

Weisz lutou para ficar em pé e, com passinhos vacilantes, circundou o carro e pôs as duas mãos no porta-malas.

– Experimente agora.

O motor disparou, e os pneus se enterraram mais fundo nos buracos que tinham cavado.

– Não acelere tanto!

A janela rugeu quando Salamone baixou-a com a manivela.

– O quê?

– Devagar, devagar.

– Certo.

Weisz empurrou novamente. Não haveria *Liberazione* algum nesta semana.

De uma *boulangerie* na esquina, um padeiro apareceu vestindo camisa branca, avental branco e um pano branco atado pelas pontas na cabeça. Os fornos a lenha das padarias tinham de ser acesos às três da manhã; Weisz podia sentir o cheiro do pão.

O padeiro parou ao lado de Weisz e disse:

– Agora conseguimos. – Após três ou quatro tentativas, o Renault se lançou para a frente, na direção de um táxi, o único outro carro nas ruas de Paris naquela manhã. O motorista desviou, buzinou e gritou:

– Qual diabos é o seu problema? – e girou o dedo indicador junto à têmpora. O táxi deslizou na neve e atravessou a ponte enquanto Weisz agradecia ao padeiro.

Salamone cruzou o rio, a 8 quilômetros por hora, e virou à esquerda e à direita nas ruas transversais até que encontrou a rue Parrot, perto da estação de trem da Gare de Lyon. Ali, para viajantes e trabalhadores da via férrea, havia um café 24 horas. Salamone saiu do carro e se dirigiu à varanda envidraçada. Sentado sozinho numa mesa próxima à porta, um homem baixo com uniforme e chapéu de fiscal das ferrovias italianas lia um jornal e bebia um *apéritif*. Salamone tamborilou no vidro, o homem olhou para cima, terminou sua bebida, deixou dinheiro sobre a mesa e seguiu Salamone até o carro. Medindo talvez pouco mais que um metro e meio, usava um espesso bigode de homem de trem, e a barriga era grande o suficiente para esgarçar o paletó do uniforme entre os botões. Sentou-se no banco de trás e trocou com Weisz um aperto de mãos.

– Tempo bom, não? – disse ele, sacudindo a neve dos ombros.

Weisz respondeu que sim.

– Desde Dijon até aqui, está assim.

Salamone entrou e se sentou no banco da frente.

– Nosso amigo aqui trabalha no trem das 7h15 para Gênova – disse a Weisz. Dirigiu-se ao fiscal: – Isto é para você. – Acenou com a cabeça em direção ao pacote.

O fiscal o pegou.

– O que tem aqui?

– Galés para a linotipo. E também dinheiro, para Matteo. E o jornal, com uma folha-modelo.

– Jesus, deve ser um monte de dinheiro, podem procurar por mim no México.

– São as galés, são de zinco.

– Ele não pode conseguir as galés?

– Diz ele que não.

O fiscal deu de ombros.

– Como vai a vida no lar? – perguntou Salamone.

– Não melhora em nada. *Confidenti* por todo lado, é preciso tomar cuidado com o que se diz.

– Você fica no café até as sete? – perguntou Weisz.

– Eu não. Vou até o vagão-leito de primeira classe e tiro um cochilo.

– Bem, é melhor irmos andando – disse Salamone.

O fiscal saiu, carregando o pacote com as duas mãos.

– Por favor, tenha cuidado – disse Salamone. – Olhe onde pisa.

– Eu olho tudo – disse o fiscal. Sorriu ante a idéia e afastou-se através da neve.

Salamone engatou a primeira marcha.

– Ele é bom nisso. E esta é uma coisa que não dá para prever. O anterior durou um mês.

– O que aconteceu com ele?

– Prisão – disse Salamone. – Em Gênova. Fazemos um esforço e enviamos algo para a família.

– Custoso, este ramo em que estamos – disse Weisz.

Salamone sabia que ele falava de algo mais do que dinheiro e assentiu com a cabeça, pesaroso.

– A maior parte do dinheiro fica comigo, e não digo ao comitê mais do que eles precisam saber. É claro, você será informado à medida que prosseguimos, por prevenção, se entende o que quero dizer.

20 de janeiro. Continuava frio e cinzento, e a maior parte da neve desaparecera, exceto pelos montes enegrecidos pela fuligem que entupiam os bueiros. Weisz foi para o escritório da Reuters às dez, perto da estação Opéra, da Associated Press, do departamento francês da agência Havas e da American

Express. Parou neste último. “Correspondência para Monsieur Johnson?” Havia uma carta – apenas alguns *giellisti* de Paris tinham permissão para usar o sistema, que era anônimo e, acreditavam, ainda desconhecido dos espões da OVRA em Paris. Weisz mostrou a *carte d’identité* Johnson, pegou a carta – endereço de resposta em Bari – e subiu para o escritório.

A sala de Delahanty ficava no canto do corredor, as altas janelas opacas de fuligem, a escrivaninha amontoada de papéis. Estava bebendo chá com leite com uma colher na caneca e, quando Weisz parou junto à porta, abriu um sorriso malicioso e ergueu os óculos para a testa.

– Entre, entre, disse a aranha para a mosca.

Weisz disse bom-dia e deslizou na cadeira do outro lado da mesa.

– Hoje é seu dia de sorte – disse Delahanty, remexendo em sua gaveta e entregando-lhe um comunicado de imprensa.

A Associação Internacional de Escritores estava, que surpresa, realizando uma conferência. À uma da tarde de 20 de janeiro, no Palais de la Mutualité, junto à place Maubert no Quinto Arrondissement. O público estava cordialmente convidado. A lista de palestrantes incluía Theodore Dreiser, Langston Hughes, Stephen Spender, C. Day-Lewis e Louis Aragon. Aragon, que começara como surrealista, tornara-se stalinista, e acabou sendo ambos, era a certeza de que o ponto de vista de Moscou estaria bem representado. Em pauta: a Espanha tomada por Franco, a China atacada pelo Japão, a Tchecoslováquia dominada por Hitler – nenhuma boa notícia. Weisz sabia que os motores da indignação estariam funcionando a todo vapor, mas, independentemente da politicagem vermelha, ainda era melhor que silêncio.

– Você merece um pouco de tédio, Carlo, e é a sua vez numa dessas chatices – disse Delahanty, bebericando seu chá frio. – Vamos querer algo de Dreiser. Procure no marxismo e me arranje uma citação ilustre. E La Pasionaria sempre merece um parágrafo.

Apelido afetuoso de Dolores Ibárruri, a oradora pela causa republicana, descrita sempre como “inflamada”.

– Só um despacho de nada, rapaz, você não vai ouvir nenhuma novidade, mas precisamos ter alguém lá, e a Espanha é importante para os jornais sul-americanos. Então, dê o fora daqui e não assine coisa alguma

•

Weisz chegou devidamente na hora marcada. O saguão estava cheio, uma multidão perambulando na névoa da fumaça de cigarro – *engagés* de todas as descrições, o Quartier Latin em peso, alguns estandartes vermelhos visíveis acima da massa, e todo mundo parecia conhecer todo mundo. Notícias da Espanha naquela manhã diziam que a linha da margem leste do Segre fora abandonada, o que significava que a tomada de Barcelona não estava longe. Portanto, como sempre se soube, Madri, com seu inflexível orgulho, seria a última a se render.

A coisa finalmente teve início, e os palestrantes falaram, e falaram, e falaram. A situação era *crítica*. Seus esforços tinham de ser *redobrados*. Uma pesquisa da Liga de Escritores da América mostrava que 410 dos 418 membros apoiavam o lado republicano. Havia uma ausência marcante de escritores russos na conferência, já que estavam ocupados garimpando ouro na Sibéria ou sendo fuzilados na praça Lubyanka. Weisz, é claro, não poderia escrever nada daquilo – ficaria registrado no grande livro de *histórias que nunca escrevi*, mantido por todo correspondente.

– Carlo? Carlo Weisz!

E agora, quem era este – este homem no passadiço olhando para baixo em sua direção? A memória levou um tempo para funcionar; alguém que ele conheceria, havia muito, em Oxford.

– Geoffrey Sparrow – disse o homem. – Você lembra, não?

– É claro, Geoffrey, como vai você?

Eles falavam aos sussurros, enquanto um homem barbado martelava o punho sobre a bancada.

– Vamos para fora – disse Sparrow.

Ele era alto e louro e sorridente e, agora Weisz recordava, rico e inteligente. Enquanto atravessava o corredor, todo pernas longas e flanela, Weisz viu que ele não estava sozinho, que trazia consigo *uma garota espetacular*. Naturalmente, inevitavelmente.

Quando alcançaram o saguão, Sparrow disse:

– Esta é minha amiga Olivia.

– Olá, Carlo.

– Pois então, está aqui para a Reuters? – perguntou Sparrow, os olhos postos no bloco e lápis na mão de Weisz.

– Sim, estou trabalhando em Paris agora.

– Está mesmo? Bem, isto não pode ser *tão* mau.

– Veio para a conferência? – perguntou Weisz, uma versão jornalística para *o que diabos você está fazendo aqui?*

– Ah, na verdade não. Demos uma escapada para passar um fim de semana prolongado, mas não tivemos ânimo para encarar o Louvre esta manhã, portanto... Sabe, só por diversão, pensamos em dar uma olhada.

Seu sorriso tornou-se tristonho, não estava sendo de fato toda aquela diversão.

– Mas nunca imaginei que encontraria alguém que conheço! – Virou-se para Olivia: – Carlo e eu estudamos juntos na universidade. Ahn, qual era, era a aula de Harold Dowling, eu acho, certo?

– Sim, isso mesmo. Preleções muito longas, eu lembro.

Sparrow riu, alegre. Como se divertiram juntos, não é mesmo, Dowling e tudo o mais.

– Quer dizer que você saiu da Itália?

– Sim, há uns três anos. Não podia ficar mais.

– Sim, eu sei, Mussolini e seus homenzinhos, realmente uma vergonha. De vez em quando vejo seu nome numa matéria da Reuters, e eu sabia que não poderia haver dois de você.

Weisz sorriu, graciosamente o bastante.

– Pois é, sou eu.

– *Nossa*, um correspondente estrangeiro – disse Olivia.

– Ele é, o safado, enquanto eu fico sentado num banco – disse Sparrow. – Na verdade, agora que penso a respeito, eu tenho um amigo em Paris que é um grande fã seu. Droga, o que foi aquilo que ele citou? Uma história de Varsóvia? Não, Danzig! Sobre a milícia *Volksdeutsche* em treinamento na floresta. Era seu artigo?

– Era sim. Fico surpreso por você lembrar.

– Fico surpreso de me lembrar de qualquer coisa, mas meu amigo falava muito sobre isso, sujeitos gordos de calças curtas com rifles velhos. Cantando ao redor de uma fogueira de acampamento.

Mesmo sem querer, Weisz ficou lisonjeado.

– Assustador, de certo modo. Eles pretendem combater os poloneses.

– Sim, e aí vem Adolf para ajudá-los. Diga, Carlo, você tem planos para esta tarde? Temos reserva para jantar, que diabos, mas o que me diz de alguns drinques? Às seis? Talvez eu chame meu amigo, tenho certeza de que ele gostaria de conhecer você.

– Bem, na verdade eu tenho que escrever essa história – acenou com a cabeça na direção do salão, onde a voz de uma mulher se elevava num *crescendo*.

– Ah, *aquilo* não vai durar muito – disse Olivia, seus olhos encontrando os dele.

– Vou tentar – disse Weisz. – Onde estão hospedados?

– No Bristol – disse Sparrow. – Mas não vamos beber lá. Talvez no Deux Magots, ou no do lado, qualquer que seja o nome. Drinques com o velho Sartre!

– É o Flore – disse Weisz.

– Por favor, querido – disse Olivia. – Chega de barbas horrorosas. Não poderíamos ir ao Le Petit Bar? Não estamos aqui todos os dias.

Le Petit Bar era o muito-mais-chique dos dois bares do Ritz. Voltando-se para Weisz, ela disse:

– Coquetéis do Ritz, Carlo! – *E quando eu estiver mareada, não me importo com o que aconteça embaixo da mesa.*

– Fechado! – disse Sparrow. – No Ritz às seis. Não pode ser *tão* mau.

– Eu ligo se não puder ir – disse Weisz.

– Oh, mas tente, Carlo – disse Olivia. – Por favor?

Weisz, martelando resolutamente na Olivetti, terminou por volta das quatro e meia. Tempo suficiente para ligar para o Ritz e cancelar os drinques. Levantou-se, pronto para descer as escadas e usar o telefone, mas não o fez. A perspectiva de passar uma hora com Sparrow, Olivia e o amigo o atraía como, pelo menos, uma mudança. Não seria outra noite de política lúgubre com colegas emigrados. Ele sabia perfeitamente bem que a namorada de Sparrow só estava flertando, mas flertar não era *tão* mau, e Sparrow era inteligente e podia ser divertido. *Não seja tão anti-social*, disse a si mesmo. E se o amigo pensava que ele era bom no que fazia, bem, por que não? Ele já ouvia pouquíssimos elogios, fora as ironias indiretas de Delahanty, algumas palavras gentis de um leitor não seriam o fim do mundo. Assim, pôs sua camisa mais limpa e sua melhor gravata, de seda listrada de vermelho e cinza, penteou os cabelos com água, deixou os óculos na mesa, desceu as escadas às 17h45 e teve o considerável prazer de dizer ao taxista:

– *Le Ritz, s'il vous plaît.*

Nada de estampas florais para Olivia esta noite, um vestido-coquetel para coquetéis, seus pequenos e espertos seios insinuando-se no decote, e um justo e elegante chapéu sobre os cabelos dourados. Ela puxou um Players de um maço em sua bolsa de noite e entregou um isqueiro de ouro a Weisz. “Obrigada, Carlo.” Enquanto isso, um esplêndido Sparrow em fina alfaiataria londrina conversava engenhosamente sobre nada, mas nenhum convidado, ainda não. Papeavam enquanto esperavam, no bar forrado de madeira escura com sua mobília de salão de recepções – Sparrow e Olivia num divã, Weisz numa poltrona estofada junto à porta francesa drapejada que levava ao terraço. Ah, Weisz estava deliciado, após mosteiros abandonados e salas de reuniões enfumaçadas. Uma delícia, de fato, melhor e melhor à medida que bebia o Ritz 75. Basicamente um French 75, gim e champanhe, o nome derivado do canhão francês de 75 milímetros da Grande Guerra, e mais tarde um vívere no bar do Stork Club. Bertin, o famoso barman do Ritz, acrescentou suco de limão e açúcar e *voilà*, o Ritz 75. *Voilà* mesmo. Weisz estava amando toda a humanidade, e seu humor não conhecia limites – sorrisos encantados de Olivia, *há-hás* cheios de dentes de Sparrow.

Vinte minutos depois, o amigo. Weisz esperava que um amigo de Sparrow seria feito do mesmo barro, mas não era o caso. A aura do amigo dizia *comércio* em alto e bom som, enquanto ele olhava em torno na sala, avistava a mesa e se dirigia até eles. Era pelo menos uma década mais velho que Sparrow, gorducho e inofensivo, um cachimbo preso entre os dentes, um suéter sob o paletó de um terno confortável.

– Perdoem o atraso – disse ao chegar. – O taxista mais safado que já vi, deu voltas comigo por toda Paris.

– Edwin Brown, este é Carlo Weisz – disse Sparrow orgulhosamente quando se levantaram para cumprimentar o amigo.

Brown estava claramente satisfeito em conhecê-lo, seu prazer manifestado por um enfático “Hmmm!”, dito por entre a piteira do cachimbo enquanto apertaram as mãos. Após se instalar em sua poltrona, ele disse:

– Acho que o senhor é um escritor excelente, sr. Weisz. Sparrow lhe disse?

– Sim, e o senhor é muito gentil por dizer.

– Estou certo, é o que sou, pode esquecer o “gentil”. Sempre procuro por seu nome, quando lhe permitem assinar as matérias.

– Obrigado – disse Weisz.

Pediram uma terceira rodada de coquetéis, agora que o sr. Brown chegara. E, em Weisz, uma fonte de vida borbulhava ainda mais alegremente. Olivia tinha um rubor rosado nas bochechas e estava muito além de *mareada*, ria facilmente, encontrava os olhos de Weisz vez por outra. Excitada, ele pressentia, mais pela elegância do Petit Bar, pela noite, por Paris, do que por qualquer coisa que pudesse estar vendo nele. Quando ela ria, jogava a cabeça para trás, e a luz suave tocava seu colar de pérolas.

A conversa passou para a conferência da tarde, o sarcasmo conservador de Sparrow não tão distante do afável liberalismo de Weisz, e para Olivia tudo começava e acabava em barbas. O sr. Brown era bem mais opaco, suas opiniões políticas aparentemente mantidas em segredo, embora fosse um enfático partidário de Churchill. Até citou Winston, quando este se dirigiu a Chamberlain e seus colegas na ocasião do covarde acordo de Munique.

– “Foi-lhes dada uma escolha entre a vergonha e a guerra. Escolheram a vergonha e terão a guerra” – e acrescentou: – E tenho certeza de que o senhor concorda com isto, sr. Weisz.

– Parece estar certo, de fato – disse Weisz. No pequeno silêncio que se seguiu, ele disse: – Perdoe-me pela pergunta de jornalista, sr. Brown, mas posso saber a que tipo de atividade o senhor se dedica?

– Certamente que sim, embora, como dizem, não para divulgação.

Neste momento o cachimbo emitiu uma grande nuvem de fumaça adocicada, como para sublinhar a proibição.

– Por hoje o senhor está a salvo – disse Weisz. – Informação confidencial. – Seu tom era brincalhão, Brown jamais poderia pensar que estava sendo entrevistado.

– Sou proprietário de uma pequena companhia que controla alguns armazéns no porto de Istambul – disse ele. – Temo que seja apenas o bom e velho comércio, e só estou lá às vezes.

Puxou um cartão e entregou a Weisz.

– E o que o senhor pode fazer é torcer para que os turcos não se alinhem com a Alemanha.

– Exato – disse Brown. – Mas creio que ficarão neutros. Tiveram toda a guerra que queriam em 1918.

– Nós todos tivemos – disse Sparrow. – Não vamos fazer isso outra vez, combinado?

– Não se pode parar uma vez que começa – disse Brown. – Veja a Espanha.

– Acho que deveríamos ter ajudado – disse Olivia.

– Suponho que deveríamos – disse Brown. – Mas, de nossa parte, estávamos pensando em 1914, sabe como é. – Dirigiu-se a Weisz: – O senhor não escreveu algo sobre a Espanha, sr. Weisz?

– Sim, ocasionalmente.

Brown observou-o por um momento.

– O que li, será recente? Eu estava em Birmingham, algo no jornal de lá... A campanha catalã?

– Talvez tenha lido. Estive cobrindo por lá há algumas semanas, final de dezembro.

Brown terminou sua bebida.

– Muito bom, podemos experimentar mais uma? Tem tempo, Geoffrey? Esta rodada é por minha conta.

Sparrow acenou para o garçom.

– Oh, Deus – disse Olivia. – E vinho no jantar.

– Lembrei – disse Brown. – Era sobre um italiano, combatendo os italianos de Mussolini? Era seu artigo?

– Provavelmente sim. Eles assinam a Reuters, em Birmingham.

– Um coronel, ele era. Coronel alguma coisa.

– Coronel Ferrara.

Bingo.

– Com um chapéu, de algum tipo.

– O senhor tem uma memória e tanto, sr. Brown.

– Bem, infelizmente não, na verdade não tenho, mas fixei isto, de algum modo.

– Um homem corajoso – disse Weisz. Voltou-se para Sparrow e Olivia: – Lutou com as Brigadas Internacionais e seguiu lutando quando elas se retiraram.

– Vai servir de muita coisa para ele agora – disse Sparrow.

– O que vai ser dele? – perguntou Brown – Quando os republicanos se renderem?

Lentamente, Weisz balançou a cabeça.

– Deve ser estranho – disse Brown –, entrevistar pessoas, ouvir sua *história*, e depois elas desaparecem. O senhor mantém contato, sr. Weisz?

– Isto é difícil, do jeito como está o mundo agora. As pessoas desaparecem, ou pensam que talvez tenham que desaparecer, amanhã, no mês que vem...

– Sim, entendo. Ainda assim, ele deve ter-lhe causado uma grande impressão. É bastante incomum, à sua maneira, um oficial militar lutando pela causa de outra nação.

– Acredito que ele via como uma única causa, sr. Brown. Conhece o dito de Rosselli? Ele e o irmão fundaram uma organização emigrada nos anos 20, e foi morto em Paris em 37.

– Conheço a história de Rosselli, não conheço o dito.

– Hoje na Espanha, amanhã na Itália.

– Significando?

– A batalha é pela liberdade na Europa; democracia versus fascismo.

– Não seria comunismo versus fascismo?

– Não para Rosselli.

– Mas para o Coronel Ferrara talvez?

– Não, não. Para ele também não. Ele é um idealista.

– Isso é muito romântico – disse Olivia. – Como num filme.

– De fato – disse Brown.

Eram quase oito horas quando Weisz saiu do hotel, passou pela fila de táxis no ponto e seguiu em direção ao rio. Deixou que o clima frio e úmido clareasse sua cabeça, encontraria um táxi mais tarde. Repetiu-o a si mesmo e relaxou, escolhendo as ruas pelo prazer de caminhar por elas. Circundou a place Vendôme, as vitrines das joalherias à espera da clientela do Ritz, pegou a rue Saint-Honoré em seguida, passando por elegantes lojas, agora fechadas, e por um casual restaurante, o letreiro dourado sobre fundo verde, um refúgio secreto, o aroma de excelente comida pairando no ar noturno.

O sr. Brown o convidara para jantar, mas ele declinou – já tinha sido interrogado o bastante por uma noite. *Continental Trading Ltda.*, dizia o cartão, com números de telefone de Istambul e Londres, mas Weisz tinha uma boa idéia do verdadeiro negócio do sr. Brown, o negócio de espionagem, acreditava, provavelmente o Serviço Secreto de Inteligência Britânico. Nada de novo ou surpreendente, não de fato, espões e jornalistas estavam fadados a atravessar a vida lado a lado e às vezes era difícil distingui-los.

Seus trabalhos não eram assim tão diferentes: conversavam com políticos, cultivavam fontes em departamentos governamentais e procuravam por segredos. Às vezes falavam, e negociavam, uns com os outros. E, vez por outra, um jornalista trabalhava diretamente para os serviços secretos.

Weisz sorriu ao recordar a tarde – haviam feito um belo trabalho com ele: é o seu velho camarada de faculdade! E a namorada sexy que acha você uma graça! Tome um drinque! Tome seis! Oh veja, aqui está nosso amigo sr. Brown! Sr. Green! Sr. Jones! Sparrow e Olivia, apostava, provavelmente eram civis – as vidas das nações estavam em perigo ultimamente, portanto as pessoas ajudavam se eram chamadas –, contudo, o sr. Brown era do ramo. Mas então, Weisz perguntou a si mesmo, o que havia neste específico mijo neste específico poste que tanto excitou aquele específico cão-de-caça? Seria Ferrara suspeito de algo – estaria numa lista? Weisz esperava que não. Mas, senão, o quê? Pois Brown queria saber quem ele era, queria encontrá-lo e se deu algum trabalho em nome disso. Droga, Weisz *pressentiu* isto enquanto pensava em escrever sobre Ferrara, por que não se escutou?

Acalme-se. Os espões estavam sempre atrás de alguma coisa. Se você era um jornalista, de repente aparecia o russo mais amável, o alemão mais culto, a francesa mais sofisticada que jamais conheceu. O favorito de Weisz em Paris era o magnífico Conde Polanyi, da diplomacia húngara – adoráveis modos de europeu dos velhos tempos, honestidade implacável e senso de humor; muito interessante, muito perigoso. Era um erro estar perto dele em quaisquer circunstâncias, mas erros são cometidos de vez em quando. Weisz certamente cometera erros. Por exemplo, com a espia inglesa Lady Angela Hope – ela não fazia segredo algum disso –, e a lembrança dela produziu um ronco bêbado de riso. Errou com Lady Angela duas vezes, no apartamento dela em Passy, e ela fazia da coisa toda uma alta e elaborada ópera; sem dúvida ele devia ser no mínimo Casanova para produzir tais berros – Deus, havia *criadas* no apartamento. Esqueça as criadas, os vizinhos! *Oh, meu querido, Lady Angela está sendo assassinada. De novo.* Esta performance era seguida de um interrogatório de cabeceira de considerável extensão, tudo pelos petiscos não-publicados da entrevista com Gafencu, o ministro das Relações Exteriores romeno. Que ela não ganhou, tanto quanto Brown não descobriu onde o Coronel Ferrara se havia entocado.

•

Em torno das nove, Weisz estava de volta a seu quarto. Quis jantar na hora em que chegou ao Sexto, mas jantar no *Chez* isto ou no *Mère* aquilo, com um jornal como companhia, não o atraiu e ele parou em sua cafeteria e pediu um sanduíche de presunto, café e uma maçã. Uma vez em casa, pensou em escrever, escrever de coração, para si mesmo, e teria trabalhado naquele romance na gaveta da escrivaninha, mas o fato era que não havia romance algum na gaveta. Assim, esticou-se na cama, escutou uma sinfonia, fumou cigarros e leu *A Condição Humana* de Malraux – *La Condition Humaine* em francês – pela segunda vez. Xangai em 1927, o levante comunista, camponeses terroristas, agentes políticos soviéticos trabalhando contra as forças nacionalistas de Chiang Kai-shek, polícia secreta, espões, aristocratas europeus. Tudo coberto pelo gosto francês pela filosofia. Não era um refúgio da vida vocacional de Weisz, mas ele não queria, não iria, buscar refúgio.

Ainda assim, felizmente, havia pelo menos uma exceção à regra. Baixava o livro de quando em quando e pensava em Olivia, em como teria sido fazer amor com ela, em Véronique, em sua caótica vida amorosa, nesta e naquela, em onde estariam naquela noite. Pensava especialmente no... Bem, talvez não no amor de sua vida, mas na mulher em quem jamais parou de pensar, porque suas horas juntos foram excitantes e apaixonadas, sempre.

– É simplesmente porque somos feitos um para o outro – ela dizia, um suspiro melancólico em sua voz. – Às vezes eu penso, por que não podemos simplesmente continuar?

Continuar significava, supunha ele, uma vida de tardes em camas de hotéis, jantares ocasionais em restaurantes afastados. Seu desejo por ela não tinha fim, e ela dizia que sentia o mesmo. *Mas*. Não se traduziria em casamento, filhos, vida doméstica, era um caso de amor, e ambos sabiam disso. Três anos atrás, ela se casara na Alemanha, um casamento de dinheiro, posição social, um casamento, pensava ele, produzido pela chegada dos 40 anos e o cansaço com os casos de amor, mesmo o deles. Ainda assim, quando se sentia sozinho, pensava nela. E ele estava muito sozinho.

Nunca imaginou que acabaria assim, mas o redemoinho político de seus 20 e 30 anos, o mundo de pernas para o ar, o pulsar do mal e o eterno fugir dele viraram a vida do lado errado. Mesmo assim, culpava

a vida por deixá-lo sozinho num quarto de hotel de uma cidade estrangeira. Onde cochilou duas vezes, por volta das onze e meia, antes de se render, rastejar para dentro do cobertor e apagar a luz.

28 de janeiro, Barcelona.

S. Kolb.

Assim se chamava em seu atual passaporte, um nome de trabalho que lhe davam quando convinha aos interesses deles. Seu verdadeiro nome desaparecera, havia muito, e ele se tornou o sr. Ninguém, do país Lugar Nenhum, e sua aparência corroborava: careca, com uma orla de cabelo escuro, óculos, um bigode ralo – um homem baixo e desimportante num terno surrado, naquele momento acorrentado a dois anarquistas e um cano d'água no banheiro de um café do porto bombardeado de uma cidade abandonada. Condenado a fuzilamento. Eventualmente. Havia uma fila, cada um tinha de esperar sua vez, e os executores poderiam não voltar ao trabalho até que tivessem almoçado.

Terrivelmente injusto, parecia a S. Kolb.

Seus documentos diziam que era representante de uma firma suíça de engenharia em Zurique, e uma carta em sua pasta, em papel do governo republicano, datada de duas semanas antes, confirmava seu compromisso no escritório da procuradoria militar. Fábula, tudo aquilo. A carta era forjada, o escritório da procuradoria militar era agora uma sala vazia, o chão coberto de papéis importantes, o nome era um pseudônimo, e Kolb não era um representante comercial.

Mesmo assim, injusto. Pois as pessoas que atirariam nele não sabiam de nada daquilo. Tentara entrar num estábulo, o acampamento temporário de algumas poucas companhias do 5º Corpo de Exército, onde um guarda o prendeu, levando-o para o escritório da *Checa* – polícia secreta – localizado naquele momento num café da zona portuária. O comandante encarregado, sentado numa mesa junto ao bar, era um touro, com uma gorda cara de lua coberta pela sombra de barba azul-escura. Ouviu impacientemente a história do guarda, levantou-se numa perna, olhou, franziu a testa e finalmente disse:

– É um espião, matem-no.

Não estava errado. Kolb era um agente do Serviço Secreto de Inteligência Britânico, um agente secreto, sim, um espião. Todavia, terrivelmente injusto. Pois ele não estava espionando naquela ocasião – não estava roubando documentos, subornando oficiais ou tirando fotografias. Esse era seu trabalho geralmente, com um ou outro assassinato quando Londres ordenava, mas não esta semana. Esta semana, sob ordens de seu chefe, um homem gélido conhecido como *sr. Brown*, S. Kolb fechou a conta num confortável hotel de prostitutas em Marselha – uma operação ligada à marinha mercante francesa – e veio às pressas para a Espanha em busca de um italiano chamado Coronel Ferrara, que acreditavam que tinha recuado para Barcelona com elementos do 5º Corpo de Exército.

Mas Barcelona estava um pesadelo, não que isso importasse ao sr. Brown. O governo embalou seus arquivos e fugiu para Girona, ao norte, rumo à França, milhares de refugiados em seu rastro, e a cidade foi deixada à espera das colunas nacionalistas em avanço. A anarquia imperava, os garis municipais abandonaram suas vassouras e foram para casa, grandes pilhas de lixo freqüentadas por nuvens de moscas acumulavam-se nas calçadas, refugiados invadiam mercearias vazias, a cidade era agora governada por bêbados armados percorrendo as ruas em tetos de táxis.

Ainda assim, mesmo em meio ao caos, Kolb tentara fazer seu trabalho.

– Para o mundo – disse-lhe Brown certa vez –, você pode parecer um camaradinho medíocre, mas, se me permite dizer, você tem os colhões de um gorila.

Seria um elogio? Deus o fizera medíocre, o destino arruinou sua vida quando foi acusado, ainda jovem, de fraude quando trabalhava num banco da Áustria, e o SSI britânico fez o resto. Não era um elogio lá muito gentil, se é que era elogio. Ainda assim, ele perseverou, encontrou neste caso o que restava do 5º Corpo de Exército, e qual era sua recompensa?

Acorrentado a anarquistas, lenços negros em torno dos pescoços, e um cano. Do lado de fora, no beco adjacente, vários tiros foram disparados. Bem, pelo menos a fila estava andando – quando era o almoço? *Hora de...?*, perguntou ao anarquista mais próximo, fazendo um movimento de colheradas com sua mão livre. Do anarquista, um olhar de certa admiração. Aqui estava um homem à beira da morte, e ele queria almoçar.

A porta se escancarou de repente e dois milicianos, pistolas em punho, entraram displicentemente no banheiro. Enquanto um desabo-

toava a braguilha e usava o buraco azulejado no chão, o outro começou a soltar a corrente do cano.

– Oficial – disse Kolb. Nenhuma resposta do miliciano. – *Comandante* – tentou. O homem olhou para ele. – *Por favor* – disse Kolb educadamente. – *Importante!*

O miliciano disse algo a seu companheiro, que deu de ombros e começou a abotoar a braguilha. Em seguida ele agarrou Kolb pelo ombro e arrastou os três homens acorrentados porta afora até o café. O comandante *Checa* tinha diante de si um homem bem vestido, cabeça baixa, e lhe passava um sermão espetando o dedo sobre a mesa.

– *Señor!* – Kolb chamou enquanto seguiam para a porta. – *Señor Comandante!*

O comandante olhou, Kolb tinha uma chance.

– *Oro* – ele disse. – *Oro para vida.*

Kolb inventou isso enquanto estava no banheiro, tentando desesperadamente reunir velhos retalhos de espanhol. Como se dizia ouro? Como se dizia vida? O resultado – “ouro pela vida” – era conciso, mas efetivo. O comandante gesticulou, Kolb e os anarquistas foram arrastados até a mesa. Neste momento, a linguagem dos sinais assumiu. Kolb apontou exasperadamente para a costura da perna de sua calça e disse, “*Oro*”.

O comandante acompanhou a pantomima com interesse e em seguida estendeu a mão. Kolb não se moveu, o oficial estalou os dedos duas vezes e abriu a mão novamente. Um gesto universal: *entregue o ouro*. Apressadamente, Kolb abriu o cinto, soltou o botão e conseguiu, com uma só mão, baixar as calças e entregá-las ao comandante, que correu o dedão pela costura. Um excelente alfaiate fizera este trabalho, e o comandante teve de pressionar os dedos com força para encontrar as moedas cosidas no tecido. Quando seu dedão encontrou um círculo rígido, fitou Kolb com interesse. *Quem é você, para administrar estes assuntos com tanto cuidado?* Mas Kolb continuava parado, agora em cuecas frouxas de algodão, acinzentadas com a idade, traje que o tornava, se possível, ainda menos imponente que de costume. O comandante tirou um canivete dobrável de seu bolso e fez surgir, com um golpe do pulso, uma brilhante lâmina de aço. Cortou a costura, revelando vinte moedas de ouro. Florins holandeses. Uma pequena fortuna, o comandante arregalou os olhos e depois os estreitou. *Sujeitinho esperto, o que mais você tem?*

Fatiou a outra costura, a braguilha, a cintura, as bainhas e os bolsos de trás, deixando as calças em retalhos. Atirou-as num canto e depois fez uma pergunta que Kolb não entendeu. Ou melhor, quase não entendeu, porque ele reconheceu a expressão que significa “para todos”. Kolb pretendia libertar a si próprio, ou aos dois anarquistas também?

Kolb farejou perigo, e sua mente disparava entre as possibilidades. O que fazer? O que dizer? Como Kolb hesitava, o comandante tornou-se mais impaciente, encerrou todo o caso com um fidalgo gesto de mão e disse algo ao miliciano; este começou a desacorrentar Kolb e os anarquistas, que se entreolhavam e em seguida se dirigiram para a porta. Sobre a mesa, Kolb viu seu passaporte – sua pasta, seu dinheiro e relógio tinham desaparecido, mas ele precisava do passaporte para sair deste maldito país. Humildemente, com a maior modéstia que pôde encontrar, Kolb deu um passo à frente e pegou o passaporte, docilmente meneando a cabeça para o comandante quando voltou para trás. O comandante, coletando as moedas da mesa, fitou-o, mas não disse nada. O coração aos pulos, Kolb caminhou para fora do café.

Do lado de fora, a zona portuária. Armazéns incendiados, crateras de bombas na rua de paralelepípedos, um escaler meio afundado, amarrado a um ancoradouro. A rua estava lotada: soldados, refugiados; cidadãos locais sentados em meio a bagagens, esperando por um navio que nunca chegaria, sem nada para fazer e nenhum lugar para ir. Um dos fiacres de aluguel de Barcelona, com dois homens elegantemente vestidos no carro aberto, movia-se lentamente através da multidão. Um dos homens olhou para Kolb por um momento, virando-se em seguida.

Fazia sentido. Um funcionariozinho em suas roupas de baixo, fora isso vestido para um dia no escritório. Alguns olhavam, outros não – Kolb não era a coisa mais estranha que tinham visto naquele dia em Barcelona, nem de longe. Enquanto isso, as pernas de S. Kolb enregelavam-se no vento que soprava da baía. Deveria amarrar o paletó em torno da cintura? Talvez o fizesse, num minuto, mas no momento queria apenas se afastar do café o máximo que pudesse. *Dinheiro*, pensou, *e depois uma passagem de trem*. Andava rapidamente, em direção à esquina. Deveria tentar retornar ao estábulo? Correndo ao longo do porto, ele cogitava.

•

3 de fevereiro, Paris.

O clima arrefeceu para uma falsa e nublada primavera, a cidade retornando-seu *grisaille* normal – pedras cinzas, céu gris. Carlo Weisz deixou o Hotel Dauphine às onze da manhã, um encontro do comitê do *Liberazione* no Café Europa. Seguramente foi seguido uma vez, talvez duas.

Caminhou até a estação de metrô Saint Germain-des-Prés, no caminho para a Gare du Nord, parou para contemplar uma vitrine de que gostava, velhos mapas e cartas náuticas e, com o canto do olho, viu que um homem a meio quarteirão também parou, aparentemente para examinar a vitrine de uma tabacaria. Nada incomum neste homem, em torno dos 30 anos, que usava um boné cinza e tinha as mãos nos bolsos de um paletó de tweed. Weisz, cansado de olhar para *Madagascar-1856*, seguiu em frente, entrou no metrô e desceu as escadas que levavam à plataforma sentido Porte de Clignancourt. Na descida, ouviu passos apressados no alto e olhou por cima do ombro. Naquele momento, os passos pararam. Weisz se voltou e teve um vislumbre de um paletó de tweed, quando alguém inverteu a direção e desapareceu na saída da escadaria. Seria o mesmo paletó? O mesmo homem? Quem diabos desceria as escadas do metrô para depois subir? Um homem que esquecera algo. Um homem que percebera que estava na linha errada do metrô.

Weisz ouviu o trem chegando e desceu rapidamente até a plataforma. Entrou no vagão – apenas alguns passageiros naquela hora da manhã. Quando buscou um assento, viu o homem do paletó de tweed novamente, correndo para o vagão mais próximo do pé da escada. E foi tudo. Weisz encontrou um assento e abriu uma cópia do *Le Journal*.

Mas isso não foi tudo. Pois quando o trem parou na estação Château d’Eau, alguém disse “Signor” e, quando Weisz olhou para cima, entregou-lhe um envelope e saiu rapidamente porta afora, pouco antes de o trem começar a se mover. Weisz deu apenas uma breve olhadela no homem: aproximadamente 50 anos, pobremente vestido, camisa escura abotoada até a garganta, um rosto profundamente vincado, olhos preocupados. Quando o trem pegou velocidade, Weisz foi até a porta e viu o homem correndo ao longo da plataforma. Voltou a seu assento, examinou o envelope – pardo, em branco, fechado – e abriu.

Dentro, uma única folha dobrada de papel-manteiga amarelo com um esquema cuidadosamente desenhado de uma longa forma cônica, a

ponta sombreada, uma hélice e barbatanas na outra extremidade. Um torpedo. Extraordinário! Viu todos os aparatos que a coisa continha, descrições em italiano indicadas por toda a extensão – válvulas, cabos, uma turbina, um balão de ar, lemes, fusíveis, eixo acionador, e muito mais. Tudo desgraçadamente fadado a explodir. Na margem, uma lista de especificações. Peso: 1,7 tonelada. Comprimento: 7,17 metros. Carga explosiva: 269,5 quilos. Alcance/velocidade: 3.960 metros a 50 nós, 11.800 metros a 30 nós. Propulsão: câmara de ebulição. Significando, depois que pensou por um momento, que o torpedo se deslocava pela água movido a vapor.

Por que lhe deram isto?

O trem diminuiu a marcha para a próxima estação, Gare du Nord, azulejos azuis decorando a curva do túnel branco. Weisz dobrou o desenho novamente e pôs de volta no envelope. Na curta caminhada até Café Europa, tentou de todas as maneiras verificar se alguém o estava seguindo. Havia uma mulher com uma cesta de compras, um homem passeando com um cocker. Como poderia saber?

No Café Europa, Weisz falou em particular com Salamone, dizendo que um estranho no metrô lhe entregara um envelope – uma cópia de um projeto mecânico. A expressão no rosto de Salamone foi eloqüente: *era a última coisa que eu precisava hoje.*

– Veremos depois da reunião – disse. – Se é um... projeto? É melhor chamar Elena para se juntar a nós.

Elena, a química de Milão, era a conselheira do comitê para qualquer questão técnica, o resto deles mal conseguia trocar uma lâmpada. Weisz concordou. Gostava de Elena. Seu rosto anguloso, longo, o cabelo gris penteado para trás e preso por um grampo, os severos ternos escuros, nada disso revelava quem era ela em particular. Seu sorriso sim; um canto da boca alçado, o relutante meio-sorriso do ironista, testemunha dos absurdos da existência, metade divertido, metade não. Weisz a considerava atraente e, mais importante, confiava nela.

Não foi uma boa reunião.

Todos tiveram tempo de pensar sobre o assassinato de Bottini, sobre o que significava para *eles* serem alvos da OVRA – não como *giellisti*, mas

como indivíduos, tentando levar suas vidas diárias. No primeiro lampejo de ira, pensaram apenas em contra-atacar, mas agora, depois de um debate sobre os artigos da próxima edição do *Liberazione*, queriam conversar sobre uma mudança do local das reuniões, sobre segurança. Consideravam-se amadores talentosos na produção de jornais, mas sabiam que segurança não era matéria para amadores talentosos, e isso os assustava.

Quando todos os outros já tinham saído, Salamone disse:

– Muito bem, Carlo, acho que deveríamos dar uma olhada no seu desenho.

Weisz colocou-o sobre a mesa.

– Um torpedo – disse ele.

Elena o examinou por algum tempo, depois deu de ombros.

– Alguém copiou isto de um projeto de engenharia, portanto este alguém achou que era importante. Por quê? Porque é diferente, melhorado, talvez experimental, mas só Deus sabe como, eu não. Isto é para um perito em artilharia.

– Há duas possibilidades – disse Salamone. – É um projeto italiano, então só poderia ter vindo de Pola, no Adriático, do que antigamente era a Whitehead Torpedo Company: fundada pelos ingleses, tomada pela Áustria-Hungria, tornada italiana depois da guerra. Você tem razão, Elena, tem que ser importante, certamente secreto, ou seja, por tê-lo estamos envolvidos em espionagem. O que significa que o homem no metrô poderia ser um *agent provocateur*, e este papel foi plantado como prova. Com base nisso, vamos queimá-lo.

– E a outra possibilidade – disse Weisz –, é que se trata de um gesto. De resistência.

– E se for? – disse Elena. – Isto só é do interesse de uma marinha, provavelmente é destinado à marinha inglesa, ou francesa. Ou seja, se aquele idiota em Roma nos jogar numa *guerra*, contra a França, ou a Grã-Bretanha, Deus me livre, isso levaria à perda de navios italianos, vidas italianas. Como? Não posso decifrar os detalhes, mas informações secretas sobre as capacidades de um armamento são sempre uma vantagem.

– É verdade – disse Salamone. – E, com base nisso, não queremos ter nada a ver com essa história. Somos uma organização de resistência, e isto é espionagem, é traição, não resistência, embora haja alguns do outro lado que pensam que é tudo a mesma coisa. Então, mais uma vez, vamos queimá-lo.

– Outra coisa – disse Weisz. – Acho que talvez eu tenha sido seguido, mais cedo hoje, quando caminhava para o metrô.

Descreveu brevemente o comportamento do homem do paletó de tweed.

– Estariam os dois trabalhando juntos de alguma maneira? – perguntou Elena.

– Não sei – disse Weisz. – Talvez eu esteja vendo monstros embaixo da cama.

– Ah, sim – disse Elena. – *Aqueles* monstros.

– Embaixo de todas as nossas camas – disse Salamone, acidamente. – Vide como foi a reunião de hoje.

– Há algo que possamos fazer?

– Não que eu saiba, a não ser interromper a publicação. Tentamos ser tão secretos quanto possível, mas, na comunidade emigrada, as pessoas falam, e os espões da OVRA estão em toda parte.

– No comitê? – perguntou Elena.

– Talvez.

– Que mundo – disse Weisz.

– Nosso próprio mundo – disse Salamone. – Mas a imprensa clandestina é um fato da vida desde 1924. Na Itália, em Paris, na Bélgica, estamos em todos os lugares. E a OVRA não pode parar isso. Não pode diminuir essa marcha. Eles prendem um grupo socialista em Turim, os *giellisti* de Florença começam uma nova publicação. E os grandes jornais vêm sobrevivendo por um longo tempo; o socialista *Avanti*, o comunista *Unità*. Nosso irmão mais velho, o jornal da *Giustizia e Libertà* publicado em Paris. Os emigrados que editam o *Non Mollare!*, como indica o nome do jornal, *não desistem*, e o pessoal da Ação Católica publica *Il Corriere degli Italiani*. A OVRA não pode matar todos nós. Eles podem até querer, mas Mussolini ainda anseia por legitimidade aos olhos do mundo. E, quando eles de fato matam, Matteotti em 1924, os irmãos Rosselli na França em 1937, eles criam mártires; mártires da oposição italiana, e mártires nos jornais do mundo. Isto é uma guerra, e numa guerra por vezes você perde, por vezes vence, e por vezes, quando pensa que perdeu, venceu.

Elena gostou da idéia.

– Talvez isso deva ser dito ao comitê.

Weisz concordou. Os fascistas nem sempre conseguiam ditar as coisas a seu modo. Quando desapareceu Matteotti, o líder do Partido Socialista Italiano, após ter feito um apaixonado discurso antifascista, a reação na Itália foi tão intensa, mesmo entre membros do partido fascista, que Mussolini foi forçado a apoiar uma investigação. Um mês depois, o corpo de Matteotti foi descoberto numa cova rasa nas cercanias de Roma, um formão de carpinteiro atravessado em seu peito. No ano seguinte, um homem chamado Dumini foi preso, julgado e condenado, mais ou menos. Ele era culpado, disse a corte, de “homicídio não-premeditado atenuado pela resistência física subnormal de Matteotti e por outras circunstâncias”. Portanto, assassinado sim, mas não tão assassinado.

– E o *Liberazione*? – perguntou Weisz. – Será que sobreviveremos, como você diz sobre os grandes jornais?

– Talvez – disse Salamone. – Por hora, antes que os policiais cheguem correndo aqui...

Amassou o papel-manteiga amarelo formando uma bola e jogou no cinzeiro.

– Quem fará as honras? Carlo?

Weisz pegou seu isqueiro de aço e acendeu um canto do papel.

Foi um fogo rápido, trêmulo e fumegante, administrado por Weisz com a ponta de um lápis. Enquanto as cinzas se espalhavam pelo cinzeiro, uma batida na porta foi seguida pela entrada do barman.

– Tudo bem por aqui?

Salamone disse que sim.

– Se vão por fogo no lugar, primeiro me avisem, certo?

4 de fevereiro. Weisz descansava em sua cadeira por um momento, assistindo à noite que caía em sua rua, e depois obrigou-se a voltar ao trabalho.

“MONSIEUR DE PARIS” MORTO AOS 76

Anatole Deibler, o grão-executor da França, faleceu ontem de ataque cardíaco na estação Châtelet do metrô de Paris. Conhecido pelo tradicional título “Monsieur de Paris”, Deibler se dirigia para sua 401^a execução, tendo operado a guilhotina

da França por quarenta anos. Deibler era o último herdeiro varão da posição ocupada por sua família, executores desde 1829, e diz-se que será substituído por seu assistente, conhecido como “o valete”. Neste caso, André Obrecht, sobrinho de Monsieur Deibler, será o novo “Monsieur de Paris”.

Seria necessário um segundo parágrafo? Segundo a esposa, Deibler era um apaixonado *bicycliste*, e competia por seu clube de ciclismo. Uniu-se pelo casamento a outra família de executores, e seu pai, Louis, foi o último a usar o tradicional chapéu alto enquanto cortava cabeças. Algo daquilo? Não, pensou Weisz, melhor não. Que tal *A invenção do dr. Joseph Guillotin na França revolucionária...*? Isso sempre aparecia quando a geringonça era mencionada, mas interessaria em Manchester ou Montevideú? Duvidava. E o revisor provavelmente cortaria o trecho de qualquer maneira. Ainda assim, às vezes era útil dar-lhe algo que pudesse cortar. Não, que fique como está. E, com um mínimo de sorte, Delahanty o pouparia de uma tarde num funeral de fevereiro.

FRANÇA APÓIA NOMEAÇÃO DE TSVETKOVITCH

O Quai d’Orsay anunciou hoje seu apoio ao novo primeiro-ministro da Iugoslávia, dr. Dragisha Tsvetkovitch, indicado pelo governante iugoslavo, Príncipe Paul, para substituir o dr. Milan Stoyadinovitch.

Foi tudo que receberam do comunicado de imprensa – seguido de alguns insípidos parágrafos diplomáticos. Mas a notícia tinha peso suficiente para que Weisz fosse encontrar seu contato no Ministério das Relações Exteriores. Seguiu para o régio edifício central do Quai d’Orsay, próximo ao Palais Bourbon, retrocedendo no tempo ao século XVIII: vastos candelabros, quilômetros de tapetes Aubusson, infundáveis escadarias de mármore, o silêncio do estado.

Devoisin, um subsecretário permanente do ministério, tinha um sorriso magnífico, e um escritório magnífico, janelas para um Sena ardósia, invernal. Ofereceu a Weisz um cigarro de uma caixa de cerejeira sobre a escrivaninha e disse:

– Confidencial, estamos contentes de ver aquele canalha Stoyadinovitch pelas costas. Um nazista, Weisz, até a medula, o que não é nenhuma novidade para você.

– Sim, o *Vodja* – disse Weisz, secamente.

– Monstruoso. O *líder*, exatamente como seus colegas; o *Führer*, o *Duce* e o *Caudillo*, como Franco gosta de se intitular. E o velho *Vodja* também teve toda a parafernália, milícia dos Camisas Verdes, saudação de braço erguido, toda a sordidez. De qualquer modo, *adieu*, pelo menos por enquanto.

– Este *adieu* – disse Weisz. – Seu pessoal esteve envolvido?

Devoisin sorriu.

– Você adoraria saber, não?

– Há maneiras de dizer. Não tão diretamente.

– Não neste gabinete, meu amigo. Suspeito que os ingleses tenham ajudado, o Príncipe Paul é um grande camarada deles.

– Então direi apenas que a expectativa é de que a aliança franco-iugoslava se fortaleça.

– Certamente; nosso amor se aprofunda com o tempo.

Weisz fingiu escrever.

– Gostei bastante disto.

– A bem da verdade, nós amamos os sérvios, não é possível negociar com os croatas, estão indo direto para o canil de Mussolini.

– Eles não gostam uns dos outros por lá, está no sangue.

– Está, não? E, se por acaso você ouvir algo sobre isso, sobre uma independência croata, uma palavra sua será muito bem-vinda.

– Você será o primeiro a saber. Em todo caso, gostaria de elaborar uma declaração oficial? Sem citar nomes, claro. “Um antigo oficial afirma...”

– Weisz, por favor, minhas mãos estão atadas. A França apóia a mudança, e cada palavra no comunicado foi suavizada ao máximo. Gostaria de tomar um café? Vou mandar trazer.

– Obrigado, não. Usarei o cenário nazista, sem usar a palavra.

– Nada veio de mim.

– Claro que não – disse Weisz.

Devoisin mudou de assunto – estaria em breve viajando para Saint Moritz para esqui por uma semana, perguntou se Weisz tinha visto a

nova mostra de Picasso na galeria de Paul Rosenberg, o que achou dela. O relógio interno de Weisz foi eficiente: 15 minutos, e ele então tinha que “voltar ao escritório”.

– Não suma – disse Devoisin. – É sempre bom vê-lo.

Ele tinha, pensou Weisz, um sorriso verdadeiramente magnífico.

12 de fevereiro. A solicitação – era uma ordem, claro – chegou como uma mensagem telefônica em sua caixa postal no escritório. A secretária que recebeu a mensagem pregou nele um certo olhar quando ele chegou naquela manhã. *Pois bem, o que significa isso?* Ela não esperava que ele lhe contasse, não era da conta dela, e foi apenas um olhar momentâneo, mas de um tipo prolongado, concentrado. E ela o observava enquanto ele lia – sua presença era solicitada na Sala 10 da *Sûreté Nationale*, às oito da manhã seguinte. O que ela pensou, que ele iria tremer? Desmanchar-se em suor frio?

Não fez nenhum dos dois, mas sentiu, na boca estômago. A *Sûreté* era a polícia de segurança nacional – o que queriam? Pôs a tira de papel no bolso e, passo a passo, dedicou-se ao seu dia de trabalho. Mais tarde naquela manhã, resolveu passar no escritório de Delahanty. Teria a secretária contado algo? Mas Delahanty não disse nada e agiu como sempre. Será mesmo? Ou havia algo? Saindo cedo para o almoço, Weisz ligou para Salamone de um telefone público num café, mas Salamone estava no trabalho e, além de “Bem, tome cuidado”, não pôde dizer muito. Naquela noite, Weisz levou Véronique ao balé – lugares na galeria, mas eles puderam ver – e para jantar logo depois. Véronique era atenciosa, inteligente e comunicativa, e daquelas que não perguntam aos homens o que há de errado. Eles não teriam falado com *ela*, teriam? Ele pensou em perguntar, mas o momento certo não chegou. Caminhando para casa, a idéia não o deixava em paz; elaborava perguntas, tentava respondê-las e depois começava novamente.

Às 8h10 da manhã seguinte, ele caminhou pela avenue de Marigny para o Ministério do Interior na rue des Saussaies. Maciço e cinzento, o prédio se estendia ao horizonte e erguia-se diante dele; aqui viviam os pequenos deuses em pequenas salas, os deuses do destino emigrado, que poderiam colocá-lo num trem, de volta para onde quer que fosse, de volta para o que quer que o estivesse esperando.

Um funcionário o levou à Sala 10 – uma mesa longa, algumas cadeiras, um sibilante aquecedor a vapor, uma janela alta atrás de uma grade. Uma presença poderosa na Sala 10: cheiro de tinta recente e fumaça de cigarro estagnada, mas principalmente um cheiro de suor, como num ginásio. Fizeram-no esperar, claro, eram 9h20 quando apareceram, dossiês em mãos. Havia algo no mais jovem, em torno de seus 20 anos, pensou Weisz, que sugeria a palavra *estagiário*. O mais velho era um policial, grisalho e cabisbaixo, com olhos que tinham visto de tudo.

Formais e corretos, eles se apresentaram e espalharam seus dossiês. Inspetor Pompon, o mais jovem, sua camisa branca engomada brilhando como o sol, conduziu o interrogatório e anotou as respostas de Weisz num formulário impresso. Depois de confirmar as informações pessoais, data de nascimento, endereço, ocupação, chegada à França – tudo constando no dossiê – perguntou se Weisz conhecia Enrico Bottini.

– Sim, éramos conhecidos.

– Bons amigos?

– Amigos, eu diria.

– O senhor alguma vez encontrou sua amante, Madame LaCroix?

– Não.

– Talvez ele tenha falado dela.

– Não para mim.

– O senhor sabe, Monsieur Weisz, por que está aqui hoje?

– Na verdade, não.

– Normalmente esta investigação seria conduzida pela *préfecture* local, mas nos interessamos por ela porque envolve a família de um indivíduo que trabalha para o governo nacional. Ou seja, estamos preocupados com as, ahn, implicações políticas. Do assassinato/suicídio. Está claro?

Weisz respondeu que sim. E estava, embora o francês não fosse sua língua nativa, e responder perguntas na *Sûreté* não fosse o mesmo que papear com Devoisin ou dizer a Véronique que gostava de seu perfume. Felizmente, Pompon extraía considerável prazer do som de sua própria voz, macia e precisa, e isso o tornava lento o suficiente para que, com esforço, Weisz pudesse entender bem todas as palavras.

Pompon pôs de lado o dossiê de Weisz, abriu outro, e procurou pelo que queria. Weisz pôde ver a impressão de um carimbo oficial, feito com uma almofada de tinta vermelha, no canto superior de cada página.

– Seu amigo Bottini era canhoto, Monsieur Weisz?

Weisz pensou a respeito.

– Não sei – disse. – Nunca notei que era.

– E como descreveria sua filiação política?

– Era um emigrado político, da Itália, portanto eu descreveria sua política como antifascista.

Pompon anotou a resposta, sua mão cuidadosa produto de um sistema educacional que exigia horas intermináveis no exercício da caligrafia.

– O senhor diria que ele era de esquerda?

– De centro.

– Vocês discutiam política?

– Quando surgia o assunto, de maneira geral.

– Ouviu falar de um jornal, uma publicação clandestina, que se chama *Liberazione*?

– Sim. Um jornal de oposição distribuído na Itália.

– Já leu?

– Não. Vi outros, aqueles que são publicados em Paris.

– Mas não o *Liberazione*.

– Não.

– E a relação de Bottini com este jornal?

– Não saberia dizer. Ele nunca mencionou.

– Poderia descrever Bottini? Que tipo de homem era ele?

– Muito orgulhoso, seguro de si. Melindroso, creio, e consciente de sua... aqui se diz “posição”? Seu lugar na ordem das coisas. Era um advogado proeminente, em Turim, e era sempre um advogado, mesmo quando amigo.

– Significando precisamente o quê?

Weisz pensou por um momento.

– Se havia uma discussão, mesmo que fosse uma discussão amigável, ainda assim ele gostava de vencer.

– O senhor diria que ele era capaz de cometer violência?

– Não, creio que violência, para ele, significava fracasso, uma perda, uma perda de...

– Autocontrole?

– Ele acreditava em palavras, debate, racionalidade. Violência para ele era um, como dizer? Um declínio, um declínio ao nível de, bem, animais.

– Mas ele assassinou sua amante. O senhor acha que foi paixão romântica que o levou a fazer tal coisa?

– Não acredito nisso.

– O quê, então?

– Suspeito que esse crime tenha sido um duplo assassinato, não um assassinato/suicídio.

– Cometido por quem, Monsieur Weisz?

– Por agentes do governo italiano.

– Um homicídio, então.

– Sim.

– Sem nenhuma preocupação com o fato de que uma das vítimas era a mulher de um importante político francês.

– Não, não creio que eles se importassem.

– Portanto, Bottini era, em sua forma de ver, o alvo primário?

– Acredito que era, sim.

– Por que acredita nisso?

– Acho que isto teve a ver com o envolvimento dele com a oposição antifascista.

– Por que ele, Monsieur Weisz? Há outros em Paris. Em bom número.

– Não sei por quê – disse Weisz.

Estava muito quente na sala, Weisz sentiu uma gota de suor escorrer da axila até a barra da camisa.

– Como um emigrado, Monsieur Weisz, qual é a sua opinião sobre a França?

– Sempre gostei daqui, e desde muito antes de emigrar.

– O senhor gosta exatamente do quê?

– Eu diria... – fez uma pausa, e depois disse: – A tradição da liberdade individual sempre foi forte aqui, e eu aprecio a cultura, e Paris é tudo que se diz dela. É um privilégio viver aqui.

– O senhor está ciente de que há disputas entre nós, a Itália exige a Córsega, a Tunísia e Nice; portanto, se seu país natal e seu país adotivo lamentavelmente entrassem em guerra, o que faria então?

– Bem, eu não iria embora.

– O senhor serviria a um país estrangeiro, contra sua terra natal?

– Hoje – disse Weisz – não sei como responder a isso. Minha esperança é pela mudança no governo da Itália, e paz entre ambas as nações.

Realmente, se há dois países que não deveriam entrar em guerra, são Itália e França.

– E o senhor deseja pôr esses ideais em prática? Pela harmonia que acredita que deveria haver entre estas duas nações?

Ah, vá se foder.

– Sinceramente, não consigo imaginar o que eu poderia fazer para ajudar. Tudo acontece no alto, essas dificuldades. Entre nossos países.

Pompon quase sorriu, começou a falar, para atacar, mas seu colega, muito calmamente, limpou a garganta.

– Apreciamos sua sinceridade, Monsieur Weisz. Não são tão fáceis, estas políticas. Talvez o senhor seja daqueles que acreditam de coração que as guerras deveriam ser decididas por diplomatas de cuecas, lutando com cabos de vassouras.

Weisz sorriu, intensamente agradecido.

– Eu pagaria para ver isso, sim.

– Infelizmente, não funciona assim. Uma pena, não? Aliás, por falar em diplomatas, eu me pergunto se o senhor, como jornalista, ficou sabendo que um oficial italiano da embaixada daqui foi enviado para casa. *Persona non grata*, acredito que foi esta a frase.

– Não ouvi falar.

– Não? Tem certeza? Bem, talvez um comunicado não tenha sido emitido; não é da nossa conta, aqui nas trincheiras, mas me disseram que realmente aconteceu.

– Não soube – disse Weisz. – Nada chegou à Reuters.

O policial deu de ombros.

– Então é melhor manter o bico fechado, não?

– É o que farei – disse Weisz.

– Muito obrigado – disse o policial.

Pompon fechou seu arquivo.

– Creio que é tudo por hoje – disse. – É claro que falaremos com o senhor novamente.

Weisz deixou o ministério, um vulto solitário em meio à correnteza de homens com suas pastas, circundou o prédio – o que levou um longo tempo –, finalmente saiu de sua sombra e foi para o escritório da Reu-

ters. Relembrando a entrevista, sua mente girava, mas com o tempo se fixou no diplomata enviado de volta à Itália. Por que lhe contaram aquilo? O que queriam dele? Por terem farejado que ele se tornou o novo editor do *Liberazione*, esperaram pela mentira *pro forma*, para depois tentá-lo com uma história interessante. A imprensa clandestina não existia oficialmente, mas era potencialmente útil. Como? Porque o governo francês poderia querer tornar público, para aliados e inimigos da Itália, que tomou providências no caso Bottini. Não divulgaram um comunicado, não queriam forçar o governo Mussolini a exonerar um diplomata francês, o tradicional sacrifício de um peão no xadrez diplomático. Por outro lado, não poderiam simplesmente cruzar os braços, tinham de vingar o mal feito a LaCroix, um político importante.

Seria verdade? Se não, e se a história aparecesse no *Liberazione*, ficariam muito aborrecidos com ele. *Mantenha o bico fechado, certo?* Melhor fazer isso, se você valoriza a cabeça que carrega o bico. Não, pensou, deixe como está, deixe que encontrem algum outro jornal, não morda a isca. Os franceses permitiam que o *Liberazione* e os outros existissem porque a França se opunha publicamente ao governo fascista. Hoje. Amanhã, isso poderia mudar. Por todos os lados na Europa, a possibilidade de uma outra guerra forçava alianças governadas pela *realpolitik*: Inglaterra e França precisavam da Itália como parceira contra a Alemanha, não podiam ter a Rússia e não teriam os Estados Unidos, por isso tinham de combater Mussolini com uma mão e afagá-lo com a outra. A valsa da diplomacia, e agora Weisz era convidado a entrar na dança.

Mas ele declinaria, com o silêncio. Foi convocado para esse encontro, concluiu, como editor do *Liberazione* – uma missão para o Inspetor Pompon, o novo homem no cargo: poderia espionar para eles?, seria discreto com relação à política francesa? *E falaremos com o senhor novamente* significava *estamos de olho em você*. Pois fiquem de olho. Mas as respostas, *não*, e *sim*, não mudariam.

Agora Weisz se sentia melhor. Um dia não tão mau, pensou, o sol indo e vindo, nuvens grandes e elaboradas chegando do Canal da Mancha e esvoaçando para leste por sobre a cidade. Weisz, no caminho para o quarteirão da Opéra, deixou as cercanias do ministério e retornou às ruas de Paris: duas vendedoras de loja guiando bicicletas

em seus aventais cinzas, um senhor de idade num café, lendo *Le Figaro*, seu terrier enrodilhado sob a mesa, um músico na esquina tocando clarineta, alguns centavos dentro do chapéu virado para cima. Todos eles, pensou ao acrescentar uma moeda de um franco no chapéu, figurando em dossiês. Ficou um pouco abalado por ver o seu próprio, mas a vida continua. Mesmo assim, era triste a seu modo. Entretanto, em nada diferia da Itália, os dossiês lá chamados *schedatura* – informações sobre alguém que supostamente constava num arquivo policial chamado *schedata* – compilados pela polícia nacional por mais de uma década, registrando visões políticas, hábitos da vida diária, pequenos e grandes pecados, tudo. Estava tudo escrito.

Aproximadamente às 10h15, Weisz estava de volta ao escritório. De volta, novamente, a um certo olhar da secretária: *O quê, sem algemas?* E, como ele temia, ela contou a Delahanty sobre a mensagem, porque ele disse “Tudo bem, rapaz?” quando Weisz visitou sua sala. Weisz olhou para o teto e abriu as mãos, Delahanty sorriu. Polícia e emigrados, nenhuma novidade. Na opinião de Delahanty, um funcionário poderia ser quase um assassino com um machado, contanto que a frase do ministro das Relações Exteriores estivesse correta.

Passada a entrevista, Weisz se permitiu ter um dia tranqüilo no escritório. Deu um telefonema para Salamone, tomou café em sua mesa e, sendo um *cruciverbiste*, como diziam os franceses, brincou com as palavras cruzadas no *Paris-Soir*. Fazendo poucos progressos, encontrou três dos cinco animais do quebra-cabeça, passou para as páginas de cultura, consultou a programação dos cinemas e descobriu, nos confins distantes do décimo primeiro Arrondissement, *L'Albergo del Bosco*, de 1932. O que *aquilo* estava fazendo ali? O décimo primeiro mal chegava a ser na França, um bairro pobre, lar de refugiados. Ouvia-se mais iídiche, polonês e russo do que francês naquelas ruas sombrias. E italiano? Talvez. Havia milhares de italianos em Paris, trabalhando em qualquer coisa que conseguissem encontrar, vivendo onde quer que o aluguel fosse baixo e a comida barata. Weisz anotou o endereço do cinema, talvez fosse até lá.

Olhou para cima e viu Delahanty caminhando casualmente na direção de sua mesa, as mãos nos bolsos. No trabalho, o chefe do departamento parecia um operário – um operário completamente amarfanhado: sem paletó, mangas dobradas, as pontas do colarinho tortas, calças

folgadas e usadas sob uma grande barriga. Sentou-se de lado na beirada da mesa de Weisz e disse:

– Carlo, meu mais antigo e mais querido amigo...

– Sim?

– Você vai ficar contente em saber que Eric Wolf vai se casar.

– Oh? Que bom.

– Que bom mesmo. Está voltando para Londres, para se casar com seu docinho e levá-la em lua-de-mel para a Cornualha.

– Uma lua-de-mel longa?

– Duas semanas. O que deixa Berlim sem cobertura, claro.

– Quando me quer lá?

– Três de março.

Weisz assentiu.

– Estarei lá.

Delahanty se pôs de pé.

– Ficamos gratos, rapaz. Com Eric fora, você é meu melhor homem no alemão. Você conhece o riscado: vão levá-lo para comer, vão alimentá-lo com propaganda, você vai enviar, nós não vamos publicar. Mas, se eu não cobrir, aquele mexeriqueiro vai começar uma guerra comigo, só por rancor, e nós não queremos isso, queremos?

O Cinéma Desargues não ficava na rue Desargues, não exatamente. Ficava no final de um beco, no que outrora fora uma garagem – vinte cadeiras dobráveis de madeira, uma tela parecendo um lençol pendendo do teto. O proprietário, um gnomo de cara rançosa usando um quipá, pegou o dinheiro e em seguida rodou o filme sentado em uma cadeira inclinada para trás contra a parede. Ele assistia ao filme numa espécie de transe, a fumaça de seu cigarro flutuava através da luz azul que irradiava na tela, enquanto o diálogo estalava acima do chiado da música incidental e do assobio ritmado do projetor.

Em 1932, a Itália ainda está sufocada pela Depressão, portanto ninguém chega para se hospedar no *albergo del bosco* – o albergue do bosque, próximo a uma vila nos limites de Nápoles. O estalajadeiro, com cinco filhas, é atormentado por credores, e então entrega suas últimas economias ao marquês local por precaução. Contudo, devido a um

mal-entendido, o marquês, membro da mui decadente nobreza e não mais rico que o estalajadeiro, doa o dinheiro para a caridade. Acidentalmente descobrindo seu erro – o estalajadeiro é um homem orgulhoso e finge que pretendia dar o dinheiro –, o marquês vende seus últimos dois retratos de família, e assim paga ao estalajadeiro para oferecer um grande banquete para os habitantes pobres da vila.

Não tão mau, prendeu a atenção de Weisz. O operador de câmera era bom, muito bom, mesmo em preto-e-branco, pois os montes e prados, a grama alta oscilando ao vento, a estradinha branca marginada por choupos e o adorável céu napolitano pareceram-lhe muito reais. Ele conhecia o lugar, ou lugares como aquele. Conhecia aquela vila – sua fonte seca com a borda corroída, seus casarios sombreando a rua estreita e seu povo – o carteiro, as mulheres com lenços de cabeça. Conhecia o casarão do marquês, telhas caídas do teto esperançosamente empilhadas junto à porta, a velha criada sem pagamento há anos. A sentimental Itália, pensou Weisz, cada um de seus quadros. E a música também era excelente – vagamente operística, lírica, doce. Muito sentimental realmente, pensou Weisz, a Itália dos sonhos, ou dos poemas. Ainda assim, partiu seu coração. Enquanto caminhava pelo corredor em direção à porta, o proprietário o fitou por um momento, a este homem num bom sobretudo escuro, óculos em uma das mãos, o indicador da outra tocando os cantos dos olhos.